

Oito relíquias, Oito santos e Muitas coisinhas

Eight relics, Eight saints
and Many little things



MUSEU
SÃO ROQUE



Oito relíquias, Oito santos e Muitas coisinhas

Eight relics, Eight saints
and Many little things

exposição | exhibition

18-05 — 30-09 | 2023

Galeria de Exposições Temporárias do Museu de São Roque
Temporary Exhibition Gallery of Museum of São Roque



MUSEU
SÃO ROQUE



SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

índice

contents

.....
7 apresentação

.....
9 INCLUSIO

.....
24 Santo António

.....
38 Santa Brígida da Irlanda

.....
46 São José de Anchieta

.....
54 São Sebastião

.....
64 Santos Eles e Santas Elas

.....
78 São Estanislau Kostka

.....
86 Santa Luzia

.....
94 Santa Rita de Cássia

apresentação



No laboratório, enquanto parte do projeto *reliquiarum*, vão colocar-se em observação as relíquias e os santos.

Não há relíquias sem santos, é verdade!

Por isso, das oito relíquias da coleção do Museu de São Roque, procuraremos a promoção das devoções, da sua perpetuidade material e dos seus poderes de intercessão.

Dos oito santos (ou, talvez, uns mais?) vamos querer mostrar as suas vidas, as suas hagiografias e o percurso dos poderes na construção da santidade pessoal de cada um deles.

Não nos chega.

Precisamos de alargar o círculo para explicar.

Precisamos de mais umas coisinhas!

Oito relíquias, oito santos, mas muitas imagens, muitos documentos, reforçados por bolos, acrescentados de pequenos objetos e acompanhados de gestos, ...

Vamos ter de assistir a procissões, entrar em romarias, ver rituais de toque e de devoção. Pelo meio haverá bandas filarmónicas e animais, fogaças e velas de cera.

O âmbito geográfico será Portugal e, nele, as cronologias vão cruzar-se.

Mas, a atenção estará focada na amostra em análise, as relíquias.

Em resultado do trabalho laboratorial e minucioso do *reliquiarum*, neste ensaio expositivo iremos mostrar as relíquias profundamente enraizadas nas culturas de território e percebê-las como componentes da paisagem.

INCLUSIO

COISINHAS QUE SÃO RELÍQUIAS! NOS 365 DIAS DO ANO



A motivação dos participantes deste interessante e importante projecto aconteceu no decurso da exposição *reliquias? o projeto reliquiarum* de 28 de setembro de 2022 a 29 de janeiro de 2023.

Teria sido difícil ser temporalmente de outra forma.

A observação aí realizada para escolha das relíquias pessoais reflete, em muito, o núcleo daquela exposição intitulado *tudo são relíquias?*

Por essa razão os Santos perdem-se... ou será que o Avô e a Avó, o Pai e a Mãe, os Irmãos e Irmãs ocupam o campo hagiográfico?

a equipa do projecto *reliquiarum*

O projeto INARTdis "*Fostering social inclusion for all through artistic education: developing support for students with disabilities*", iniciou-se em 2020 e terminará em 2023 tendo como principal finalidade aproximar a arte e a cultura de pessoas com diversidade funcional, promovendo a sua inclusão social através de espaços de criação artística participativos e inclusivos.

O projeto, cofinanciado pelo programa Erasmus+ EACEA da União Europeia (Project no: 621441-EPP-1-2020-1-ES-EPPKA3-IPI-SOC-IN), envolve a participação de quatro instituições parceiras do ensino superior – Instituto Politécnico de Lisboa de Portugal; Pädagogische Hochschule Steiermark da Áustria; Universitat Autònoma de Barcelona de Espanha e Universidad de Cantabria de Espanha – e ainda duas instituições socioculturais – Association for Promotion of Education, Culture and Sports "Education for all" de Skopje-República da Macedónia do Norte e Thikwa Werkstatt für Theater und Kunst der Nordberliner Werkgemeinschaft gGmbH/ Nordberliner Werkgemeinschaft gGmbH da Alemanha.

A 3.ª fase do projeto INARTdis envolve a conceção, implementação e avaliação de um projeto de *Espaço Criativo Inclusivo*, de modo a promover a inclusão social de pessoas com diversidade funcional em instituições educativas e culturais. Neste contexto surgiu o *Projeto INCLUSIO* – do latim, inclusão. Este projeto habita agora o *reliquiarum* tendo sido ideado pela determinação de um grupo de pessoas participantes na formação do INARTdis que, em articulação entre si e com as diferentes instituições que representam – imaginaram uma atividade/oficina/proposta de educação artística que promovesse, em primeiro lugar o acesso à cultura e à participação ativa dos cidadãos com diversidade funcional na sociedade contemporânea. A integração dos resultados deste processo emerge como proposta artística instalativa no contexto expositivo do *reliquiarum*, no Museu de São Roque.

Em representação da Direção da Cultura da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), Patrícia Lamas que integra a equipa do Serviço de Públicos e Desenvolvimento Cultural, propôs a criação de um espaço criativo inclusivo numa parceria entre a SCML, o Instituto da Imaculada para Pessoas com Necessidades Especiais, a CERCIL de Lisboa e a Escola Superior de Educação do Politécnico de Lisboa (ESELx), que tivesse acolhimento no Museu de São Roque.

A visita entre parceiros ao Museu e Igreja de São Roque permitiu pensar/encontrar caminhos de comunicação entre instituições para este projeto inclusivo de educação artística. Em articulação com o Museu, elegeu-se a temática das Relíquias como guião para o projeto, pelo que as primeiras visitas às instituições participantes, que viabilizaram o diagnóstico dos contextos/participantes, tiveram como aproximação a exploração desse conceito.

>

Dinâmicas em torno das relíquias,
na CERCIL Lisboa e no Instituto da Imaculada.



A visita à Igreja de São Roque e exposição "reliquias? o projeto *reliquiarum*" na galeria do museu, com todos os participantes das três instituições referidas foi o início de todo o processo. As relíquias e relicários aí expostos serviriam de inspiração ao projeto *INCLUSIO* que contou com a participação da ESELx, do Instituto da Imaculada para Pessoas com Necessidades Especiais e da CERCI de Lisboa.

O *Espaço Criativo Inclusivo* funcionou nas instalações do convento de São Pedro de Alcântara – pertencente à SCML – onde decorreu o processo criativo de construção dos relicários individuais. Neste processo, contámos com a mediação de António Camões Gouveia, essencial na perceção das dimensões plurais das relíquias e múltiplas camadas deste projeto *reliquiarum*.



Visita à exposição "reliquias? o projeto *reliquiarum*" na galeria do museu de São Roque.

O processo de conceptualização e criação dos relicários desenvolveu-se ao longo de uma série de oficinas práticas e contou com a cumplicidade de diferentes pessoas, nomeadamente um grupo de jovens e adultos do Instituto da Imaculada para Pessoas com Necessidades Especiais e da CERCI de Lisboa, estudantes da ESELx, e um grupo plural de educadores e/ou terapeutas ocupacionais e/ou mediadores culturais destas instituições, contando ainda com a participação de uma ilustradora externa ao projeto.

A metodologia do projeto consistiu na escolha prévia de relíquias que, numa primeira sessão de trabalho, foram apresentadas e contextualizadas, ao grande grupo, por cada participante. Seguidamente, cada participante preparou um reportório visual de base para a construção do seu objeto relicário. Este processo teve como base técnicas simples



Oficinas de construção dos relicários individuais.

de impressão – decalque e/ou monotipia – cuja utilização de uma paleta de cores e de elementos visuais análogos assegurou uma coerência estética e uma identidade visual comum. A partir daí, cada um interveio plásticamente e graficamente por forma a construir uma identidade original para o seu objeto relicário.



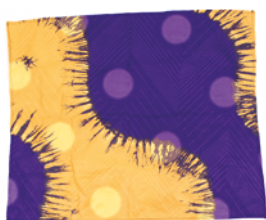
Oficinas de construção dos relicários individuais.





TELEMÓVEL

O telemóvel da minha avó, tem a minha fotografia e dos meus sobrinhos. Eu falava com a minha avó (Diogo).



LENÇO

O lenço da avó. A avó Conceição. Tenho saudades dela. Ela usava quando visitava os filhos, quando ia a casa da minha mãe (Edson).



RELÓGIO DE SENHOR

Relógio do meu pai que faleceu em 2020. Este relógio foi do pai dele, o avô Júlio. Não conheci o avô Júlio. Não sabia que o relógio existia (Ana).



CACHIMBO DO AVÔ

Cachimbo do avô Fernando, o pai do meu pai. O meu avô adorava fumar, sentava-se numa poltrona a fumar e a ler o jornal (Rute).



NOSSA SENHORA DE FÁTIMA pequena imagem

Imagem da Nossa Senhora de Fátima da avó Antónia, comprada em Fátima (Rodrigo).

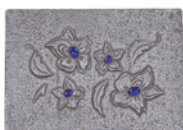




**MEDALHA,
NOSSA SENHORA DE FÁTIMA**
Medalha usada pela minha mãe. Faz
lembrar a minha mãe (Pedro).



COLETE DE CAÇA
Era o colete de caça do meu pai (Nuno).



CAIXA DE JÓIAS
Caixa de joias da avó Francisca (César).



CORTA PAPEIS
Corta papeis do meu pai, com que abria as
cartas (Cláudia).





MANTA

Manta da avó Fernandes (Ricardo).



TROFÉU

Troféu da minha mãe, troféu de um jogo de golfe. A minha mãe gostava de jogar golfe, ela era da Escócia (Katherine).



ÍMAN

Íman que deu a minha madrinha quando eu fiz anos. É o íman do restaurante onde foi a minha festa de aniversário (Vicente).



NOSSA SENHORA DE FÁTIMA grande imagem

Nossa senhora de Fátima que ofereci aos meus pais (José).



LEITOR DE CD

Leitor da minha avó. Era onde ela ouvia música (João).





ANEL

O anel pertenceu ao meu amigo Paulo. Ando sempre com ele para o recordar (Ana).



NAPERON

Naperon da minha mãe que estava na sua mesa de cabeceira (Rui).



RELÓGIO DE SENHORA

Relógio da irmã da minha mãe, da tia Norvinda. A minha tia era professora, ela dava tudo aos pobres (Tânia).



RELÓGIO DE BOLSO

É o relógio do meu tio Oliveira, irmão da minha mãe. Ele ia à pesca com o meu pai (Luís).



PORTA-CHAVES

Porta-chaves do meu pai (Rita).





ANEL

O anel que a mãe lhe deixou antes de falecer, quando esta tinha apenas 2 anos (Andreia).



PIJAMA E FOTO

O pijama do pai que faleceu recentemente, juntamente com o epitáfio do mesmo (Deolinda).



FOTO DO AVÔ

Uma foto tirada com o avô já falecido (Francisco).



TERÇO

Um terço deixado pelos avós que o criaram, ambos recentemente falecidos (Ricardo).





PELUCHE "PAI"

O peluche que faz companhia ao utente sempre que este fica sozinho e que lhe faz lembrar o seu pai (Paulo).



TERÇO AZUL

O terço que a mãe lhe ofereceu e pelo qual rezava frequentemente (Tailene).



FOTO DA IRMÃ

Uma foto da irmã que o ajudou a criar e que permaneceu em Cabo Verde quando este imigrou para Portugal (Eugénio).



INCLUSIO

IPL/ESELx

Bianor Valente
Clarisse Nunes
Katia Sá
Mário Relvas
Tiago Almeida

SCML

António Camões Gouveia NOVA FCSH / MSR/DIC *reliquiarum*
Catarina França (Ilustradora, colaboradora convidada) Centro Editorial/DIC/SCML
Patrícia Lamas SPDC/DIC/SCML

CERCI LISBOA Cooperativa de Educação Reabilitação para a Capacitação e Inclusão, Crl

António Gonçalves – Terapeuta Ocupacional
Deolinda Sargento – Monitora de sala do Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI)
Maria Helena Gaspar – Diretora Técnica
Maria João Lima – Monitora de sala do Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI)
Mónica Santos – Psicóloga

Instituto da Imaculada para Pessoas com Necessidades Especiais

Joana Conceição – Terapeuta Ocupacional
Mariana Penísga – Terapeuta Ocupacional
Natália Tenreiro – Monitora e Responsável de sala do Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI)
Pedro Rodrigues – Diretor e Psicólogo
Sandra Pinto – Monitora e Responsável de sala do Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI)

Registo e Edição

João Loy (Actor) Associação Coisa Feita
Pedro Santos (Fotografia e Som) IPL/ESELx



Fostering social inclusion for all through artistic education: Developing support for students with disabilities



As relíquias como imagem

Agora centramos a nossa atenção nas paisagens em que relíquias e santos se confundem. Amanhã, na próxima exposição, tentaremos perceber as relíquias como imagem.

the relics as image

Now we focus our attention on the landscapes in which relics and saints are intermingled. Tomorrow, in the next exhibition we will try to understand the relics as image.

Relíquia do manto de São José com O Menino numa imagem? ou num relicário? ou numa imagem com um relicário? ou numa imagem-relíquia?...?

Relic of the robe of Saint Joseph with The Child in an image? or in a reliquary? or in an image with a reliquary? or in an image-reliquary?...?

SCML.MSR.RLQ.0210.01

São José com O Menino e relicário
Saint Joseph with the Child and reliquary

Portugal, século XVIII

Madeira policromada e prata

111 × 50 × 33 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. ESC. 210 e RL 210



Santo António

(1195-1231)

canonizado em 1232

feira 13 de junho

atributo Menino Jesus ao colo

Saint Anthony

(1195-1231)

canonised in 1232

celebrate 13th June

attribute Baby Jesus in his arms

Nasce Fernando, em Lisboa, para ser cavaleiro; morre António, em Pádua, quase santo.

He was born in Lisbon with the name of Fernando, to be a knight; He dies in Padua, with the name of Anthony, almost a saint.

Erudito e obstinado, passou por várias universidades e centros de poder cristãos.

Erudite and obstinate, he passed through various Christian universities and centres of power.

Homem de ação, da doutrina da fé e combate às heresias ou santo popular de muitos milagres?

Man of action, of the doctrine of the faith and fight against heresies or popular saint of many miracles?



Santo António

reliquia

A relíquia de Santo António (RLQ.1301.01) foi oferecida à Casa Professa de São Roque por D. João de Borja depois da doação de 1588, tendo sido colocada num braço de prata que pesava seis marcos e meio (1492g), o qual custou 22.700 réis, conforme é testemunhado entre 1603 e 1616. Em 1614 e em 1636 foi inventariada no altar dos Santos Mártires. Em 1691, mantinha-se no relicário em forma de braço e refere-se que a relíquia estava presa num tubo de prata com aplicações de ouro e que fora oferecida pela República de Veneza. Confundem-se as histórias, pois associa-se agora esta relíquia aquela que os paduanos ofereceram à República de Veneza em 1652 para proteção dos turcos e que depois foi oferecida à imperatriz Ana de Áustria (1601-1666) que a ofereceu, por sua vez, a uma princesa portuguesa que a terá doado a São Roque. No entanto, a relíquia do santuário de São Roque já estava em Lisboa em 1614, conforme vimos.

À semelhança da quase totalidade de relicários em materiais preciosos, o relicário desapareceu, muito provavelmente na sequência da ocupação francesa (1807-1808), mas a relíquia preservou-se. Foi então introduzida num relicário ostensório em bronze dourado provavelmente pré-existente, pois aparenta ser do início do século XVII, decorado com *ferronneries* ao gosto flamengo. Este aparece documentado em 1843 no altar das Santas Virgens.

A 16 de junho de 1951, na sequência de um pedido do padre reitor da Igreja de Santo António, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa deliberou o depósito da relíquia na referida igreja onde permanece.

biografia

Nascido em 15 de agosto de 1195, em Lisboa, foi batizado com o nome de Fernando Martins de Bulhões. Estudou na escola da catedral daquela cidade e, com cerca de vinte anos, tomou o hábito de cônego regrante de Santo Agostinho, no mosteiro de São Vicente de Fora. Alguns anos mais tarde, solicitará transferência para o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde prosseguirá os seus estudos no domínio da Teologia. Em 1220, Fernando de Bulhões decide mudar radicalmente o seu ideal de vida religiosa e espiritual. Na origem desta opção, teve um grande peso a larga difusão que a devoção polarizada em torno dos Mártires de Marrocos conhece em Portugal, em grande medida devido ao relato da sua morte, cuja leitura leva Fernando de Bulhões a almejar a palma do martírio, mostrando como o mártir continuava a constituir o «Modelo» de santidade por excelência, na medida em que, ao dar a vida em prol da sua fé, imitava plenamente Cristo. Por outro lado, esta mudança prende-se também com a «vocaçãõ franciscana» de Fernando Martins de Bulhões, norteadada pelo desejo de imitar o alto exemplo de São Francisco, e

que se reflete na atitude de abnegação de muitos jovens cultos – e, não raras vezes abastados – que almejavam um itinerário de vida espiritual «rígido». Ingressa na Ordem dos Frades Menores nesse ano de 1220, adotando o nome de António. Movido pelo propósito de evangelizar os muçulmanos, parte para Marrocos. Todavia, é acometido por uma grave doença que contribui também para acentuar a sua desilusão, pois todos os seus planos de conversão saíram gorados. Decide regressar a Portugal, mas, devido a uma tempestade, o navio em que viajava é desviado para a Sicília. António é recebido no convento de Messina. Durante vários anos, viveu na ermida de Monte Paolo, perto de Bolonha. Ao longo dos últimos dez anos da sua vida, destacou-se, sobretudo, no domínio da pregação – indissociável da salvação das almas e da luta contra os albigenses –, declinada em textos e espaços que vão de Assis, Pádua e Roma até Arles, Toulouse e Montpellier. No capítulo reunido a 30 de maio de 1227, após a morte do fundador da Ordem, António foi nomeado ministro provincial da Romagna. Faleceu em Pádua, a 13 de junho de 1231.

hagiografia

A *Vita Prima* ou *Assidua* é a mais antiga hagiografia de Santo António. Foi redigida em 1232, por um franciscano anónimo, mas que terá, muito provavelmente, conhecido Santo António ou, pelo menos, testemunhado ocularmente a sua morte e sepultamento. Por sua vez, a *Vita Secunda* (*Vita Sancti Antonii Confessoris*) terá sido escrita entre 1235 e 1240, por Julião de Spira. A esta fonte seguiram-se a *Legenda Raimondina* (*Vita Sancti Patris Antonii de Padua*), a *Legenda Rigaldina* (*Vita Beati Antonii de Ordine Fratrum Minorum*) e o *Liber Miraculorum Sancti Antonii*.

Após a sua morte, o bispo de Pádua, por ordem de Gregório IX, procedeu a um rigoroso inquérito relativo aos milagres operados por intercessão de António. A *Legenda Rigaldina* e, muito especialmente, o *Liber Miraculorum* – na esteira da *Vita Prima*, sobretudo da sua segunda parte –, investiram significativamente na divulgação de um discurso de tónica panegírica e laudatória que tendia a coagular a excecionalidade de Santo António neste domínio do «maravilhoso». Esta modalidade de registo hagiográfico – que, de resto, era comum entre as ordens mendicantes, nomeadamente entre os dominicanos –, configurada pela aceitação da austeridade e do *contemptus mundi*, concretiza-se em um quadro largamente pautado pela centralidade dos milagres (operados em vida e *post mortem*) no processo de percepção e de construção da «santidade».

As várias «Vidas» de Santo António foram objeto de amplificação, reformulação ou reatualização e permitiram, deste modo, a coagulação da memória de santidade deste franciscano, calibrando uma moldura devocional que será complementada através da iconografia e da estatuária. A hagiografia antoniana declina-se, no caso português,

através da edição de obras como *Santo António de Lisboa. Primeira e segunda parte do seu nascimento, criação, vida, morte e milagres* (Lisboa, 1610, 1680 e 1683) de Francisco Lopes; *Poema mystico del glorioso Santo Antonio de Padua: contiene su vida, milagros y muerte* (Lisboa, 1616) de Luís de Tovar; *Coroa das excelencias de santo Antonio de Lisboa* (Lisboa, 1640) de Jácome Carvalho do Canto; *Tratado dos milagres que pelos merecimentos do Glorioso Santo Antonio assim em vida do Santo como depois da sua morte foy Nosso Senhor servido obrar, com a vida do mesmo Santo, tradusidos, e compostos na lingua da terra corrente para serem de todos mais facilmente entendidos* (Rachol, 1655) do padre António de Saldanha (S.J.); *Epitome de la vida, acciones y milagros de Santo Antonio, natural de Lisboa* (Lisboa, 1658) de Fr. Miguel Pacheco (O. Cristo); *Discursos predicaveis sobre a vida, virtudes e milagres do gigante dos Menores, Hércules Portuguez, divino Athlante Santo Antonio. Primeira Parte* (Lisboa, 1663) e *Discursos predicaveis sobre a vida, virtudes e milagres do gigante dos Menores, Hércules Portuguez, divino Athlante Santo Antonio. Segunda Parte* (Lisboa, 1669) de Jerónimo Coelho; *Sol nascido no Occidente e posto ao nacer do Sol. S. Antonio Portuguez: epitome historico e panegyrico da sua admiravel vida e prodigiosas aççoens* (Coimbra, 1725; Lisboa, 1753) de Brás Luís de Abreu; ou o *Epitome chrono-genealogico e critico da vida, virtudes e milagres do prodigioso portuguez S. Antonio de Lisboa* (Lisboa, 1735) de José Pereira Baião.

A tentativa de exaltação da nacionalidade de Santo António parece enquadrar a produção da maior parte das «Vidas» editadas em Portugal, sobretudo, nos séculos XVII e XVIII. Com efeito, pelos séculos XVI e XVII, este santo era conhecido, na Europa, como sendo *de Pádua*, e não como natural *de Lisboa* ou *de Portugal*. Nesse sentido, não deixa de ser muito sugestivo notar que, em muitos títulos, é utilizado o gentílico «de Lisboa», de modo a restituir a esta cidade e ao reino português o estatuto de pátria deste conhecidíssimo santo.

culto e canonização

Santo António foi canonizado na catedral de Spoleto, a 30 de maio de 1232. Em 15 de fevereiro de 1263, ou seja, trinta e dois anos após o falecimento, o corpo do religioso franciscano foi trasladado para uma basílica construída em sua honra, em Pádua. O cadáver estava desfeito, com exceção da língua, que se encontrava inteira e rubicunda. São Boaventura, que presidia à cerimónia, ordenou que aquela fosse depositada na sacristia da basílica, juntamente com outras relíquias. Em 1350, Guido de Monforte, cardeal de Bolonha, «em reconhecimento de ter miraculosamente recuperado de uma doença, graças à intercessão de Santo António, ordenou uma segunda transladação das relíquias, colocando-as num «riquíssimo cofre de prata», «deixando fora parte da S. Cabeça para consolação dos inumeráveis peregrinos» que acorriam a Pádua, rogando a intercessão do religioso franciscano (CARDOSO, 1652: 438)

fontes

B.N.P, Secção de Reservados, Cod. 207 e 7193.

S.C.M.L., Livro SCML/IG/GF/02/Lv 001.

S.C.M.L., Livro SCML/OA/MS/04/Lv 036.

bibliografia

CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varoens Illustres em virtude do reino de Portugal, e suas conquistas*, tomo I (Lisboa, 1652) (ed. fac-similada, com estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes), Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.

CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varoens Illustres em virtude do reino de Portugal, e suas conquistas*, tomo III (Lisboa, 1666) (ed. fac-similada, com estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes), Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.

COSTA, António Domingues de Sousa – *S. Antonio Canonico Regolare di S. Agostino e la sua vocazione franciscana. Rilievi storico-storiografici*, Braga: Editorial Franciscana, 1982.

GOMES, Saul António – “Sagrados monumentos – relíquias de mártires e de santos em Portugal”, in *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, ano VIII, n.º 15, 2009, pp. 59-84.

KERVAL, Léon de – *L'évolution et le développement du merveilleux dans les legendes de Saint Antoine de Padoue*, Paris/Valença: Librairie Fischbacher-Imprimerie A. Ducros, 1906.

Memória do Descobrimento e Achado das Sagradas Relíquias do Antigo Santuário da Igreja de S. Roque, Lisboa: Imprensa Nacional, 1843.

TEOTÓNIO, Pedro – “As relíquias de Santo António na Igreja em Lisboa” in *Mensageiro de Santo António*, 13 de julho de 2020, disponível em <https://santoantonio.live/as-reliquias-de-santo-antonio-na-igreja-em-lisboa/> [consultado em 25-01-2023].

Relíquia de um osso do braço de Santo António
Relic of a bone from Saint Anthony's arm

SCML.MSR.RLQ.1301.01

Relicário ostensório de Santo António
Ostensorium reliquary of Saint Anthony

Portugal, século XVII

Prata dourada e vidro

38 × 14 × 13 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. RL.1301

Proveniente da doação de D. João de Borja à igreja de São Roque, em depósito desde 1951 na igreja de Santo António de Lisboa



Santo António
Saint Anthony

Índia, século XVII

Madeira e marfim

35,5 × 13,5 × 8,5 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. AO. 219

Proveniente da Benemerência de Delmira Maçãs



Santo António
Saint Anthony

Portugal, século XVIII

Madeira policromada

105,5 × 32 × 29 cm

Crato, SCMCR, inv. 441 E



Santo Ant3nio
Saint Anthony

Portugal, s3culo XX
Pedra
49 x 16,8 x 10 cm
Crato, SCMCR, inv. 673 E



**Santo Ant3nio com o h3bito dos C3negos Rerantes
de Santo Agostinho, os cr3zios**
**Saint Anthony with the habit of the Canons Regular
of Saint Augustine, the cr3zios**

Portugal, s3culo XVII
Terracota policromada
51,5 x 25 x 17,5 cm
Abrantes, SCMAB, inv. 82



Santo Ant3nio
Saint Anthony

Portugal, s3culo XVIII
Madeira policromada
59 x 27 x 18 cm
Elvas, SCMEL, inv. 156



Milagre das bilhas de Santo António
Miracle of the vases of Saint Anthony

Acelino Correia de Carvalho (1882-1967)
Portugal, Caldas da Rainha, século XX
Barro branco e vermelho modelado
23 x 13 x 24,5 cm
Caldas da Rainha, MC/DRCC, inv. MC 4592



Santo António no teatro de revista
Saint Anthony in vaudeville theatre

Portugal, 1950
O ator Barroso Lopes (Ganga Junior) numa cena da revista *Enquanto Houver Santo António!*, apresentada pela Sociedade Teatral Lda no Teatro Apolo em 1950
Lisboa, MNTD/DGPC, inv. MNT 168828



Santo António no teatro nacionalista
Saint Anthony in nationalist theatre

Portugal, 1964
Fotografia de peça Auto de Santo António /
Companhia Rey Colaço Robles Monteiro /
Mata da Escola Salesiana
Lisboa, MNTD/DGPC, inv. MNT 79501



***Os tronos de Santo António, a 13 de Junho,
nos bairros de Lisboa***
***St Anthony's thrones, 13 June,
in Lisbon's neighbourhoods***

Portugal, Lisboa, junho de 1909
Festas de Santo António, crianças preparam trono
para o peditério.
Joshua Benoliel (1873-1932)
Lisboa, AML/CML,
PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/00011



Milagre da mula de Santo António
Miracle of Saint Anthony's mule

Portugal, inícios do século XVIII
Óleo sobre tela
51 x 43 cm
Lisboa, MSR/SCML, inv. Pin. 191



Caixa de esmolas para Santo António
Alms Box for Saint Anthony

Portugal, Miranda do Douro, 1811
Madeira policromada com aplicações de ferragens
62 x 23 x 27,5 cm
Miranda do Douro, MTM/DRCN, inv. SMD_00022
Proveniente da Sé Catedral de Miranda do Douro



Bandeira de procissão de confraria de Santo António
Procession flag of brotherhood of Saint Anthony

Portugal, início do século XX
Óleo sobre metal
87 × 61,5 cm
Fão, SCMFAO, inv 44



Arraial de Santo António por Stuart de Carvalhais
Arraial [festivity] of Santo António by Stuart de Carvalhais

Portugal, 1931
José Herculano Stuart Carvalhais (1887-1961)
Grafite e guache sobre cartão
23,5 × 17,7 cm
Lisboa, MSR/SCML, inv. RA.1213



Frações de Lotaria de Santo António
Lottery fractions of Saint Anthony

Portugal, Lisboa, 1978-1980
Departamento de Jogos da Santa Casa
da Misericórdia de Lisboa
Gravura sobre papel
1978: 15,5 × 28 cm
1979: 15 × 28 cm
1980: 14 × 27,5 cm
Lisboa, AH/SCML,
inv. R.32/2007-898



Uma “vida” literária de Santo Antônio
A literary “life” of Saint Anthony

Portugal, Lisboa, 1658

Epítome de la vida acciones y milagros de S. Antonio,
natural de la ciudad de Lisboa

Miguel Pacheco (autor) (?- 1668); Henrique Valente
de Oliveira (impressor) (ativ. 1649-1675)

Impressão sobre papel

14,5 × 21,2 cm

Lisboa, AH/SCML, LA XVII 0554

Proveniente do Convento de São Pedro de Alcântara



Um Santo Antônio. O de Agustina Bessa Luís
A Saint Anthony. That of Agustina Bessa Luís

Portugal, Porto, 1973

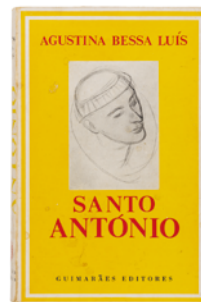
Agustina Bessa Luís (1922-2019)

Guimarães Editores

Impressão sobre papel

19 × 12,5 cm

Coleção particular



Estatueta de Santo Antônio num sinal de exposto
Statuette of St Anthony on a foundling token

Portugal, Lisboa, 6 de outubro de 1807

Sinal do exposto Antônio Pires, criança exposta n.º 1286
de 1807, nascida no dia 5 de outubro de 1807, filha de
Catarina Inácia um fita cor-de-rosa e uma estatueta de
Santo Antônio em marfim

Papel, tecido e marfim

45,5 × 60,5 cm

Lisboa, AH/SCML, Sinais de Expostos, n.º 1286 de 1807



***Sinal de exposto de Antônio com imagem
de Santo Antônio***
Foundling token of Antônio with image of Saint Anthony

Portugal, século XVIII
Gravura sobre papel
30 x 22,5 cm
Lisboa, AH/SCML, Sinais de Expostos, n.º 1316 de 1790



***Sinal de exposto de Maria José da Anunciação
com imagem de Santo Antônio***
***Foundling token of Maria José da Anunciação with image
of Saint Anthony***

Portugal, século XIX
Gravura sobre papel
28 x 40,75 cm
Lisboa, AH/SCML, Sinais de Expostos, n.º 599 de 1814



***Sinal de exposto de Maria Balbina com imagem
de Santo Antônio***
***Foundling token of Maria Balbina with image of Saint
Anthony***

Portugal, século XIX
Gravura sobre papel
45 x 30 cm
Lisboa, AH/SCML, Sinais de Expostos, n.º 1643 de 1821



Pães de Santo António. São benzidos
Saint Anthony Bread. They are blessed

Portugal, séculos XX-XXI

Farinha de trigo e sal

16,5 × 5 cm

12,5 × 6 cm

Lisboa, Igreja de Santo António

Coleção particular



Ex-votos de agradecimento a Santo António em
figuração antropomórfica e zoomórfica
Ex-vows of gratitude to Saint Anthony in
anthropomorphic and zoomorphic figures

Portugal, Vila Verde, Santuário de Santo

António de Mixões da Serra, 2013-2020

Cera

Porco: 10 × 5,5 × 19 cm

Cão: 11 × 5,3 × 15,5 cm

Ovelha: 9 × 5 × 12,5 cm

Antebraço: 32 × 7 cm

Rim: 12 × 11 cm

Coração: 12,5 × 8,5 cm

Pé: 8,5 × 7 × 16,5 cm

Lisboa, ML-SA/CML,
inv. MLSA.ESC. 0128,
0130, 0131, 0132,
0249, 0253 e 0254



Procissão de Santo António
Procession of Saint Anthony

António Fragata
Portugal, Açores, Ponta Delgada, c. 2015
<https://www.youtube.com/watch?v=SUKbZQMO94>

Noivas de Santo António
Brides of Saint Anthony

Fernando JC Pereira
Portugal, Lisboa, c. 2018
<https://www.youtube.com/watch?v=e62u6xyHMoE>

Cavalcada de Santo António
Saint Anthony Cavalcade

Convívios de Vila Pouca de Cernache
Portugal, Coimbra, Vila Pouca de Cernache, 2019
<https://www.facebook.com/100070211527476/videos/624280658085619>

Procissão da Festa a Santo António de Tabuado
Procession of the Feast of Saint Anthony of Tabuado

Carlos Maia
Portugal, Marco de Canaveses, Tabuado, c. 2018
<https://www.youtube.com/watch?v=cOnx0EsXf3E>

Santa Brígida da Irlanda

(453-524)

culto a partir do século VII

feira 1 de fevereiro

atributo vaca deitada aos seus pés

Santa Brígida da Irlanda

(453-524)

cult from the 7th century

celebrate 1st February

attribute cow lying down at her feet

Santa padroeira da Irlanda, junto a São Patrício.

Patron saint of Ireland, together with Saint Patrick.

Representa a mistura do cristianismo inicial e a apropriação das festas gaélicas do início da Primavera.

She represents a mixture of early Christianity and the appropriation of Gaelic festivals from early spring.

Uma santa, com duas relíquias em Lisboa, devoção local ou tradição?

A saint, with two relics in Lisbon, local devotion or tradition?



Santa Brígida da Irlanda

reliquia

A relíquia de Santa Brígida (RLQ.1046.01) foi oferecida em 1580 a D. João de Borja (1533-1606) pelo imperador romano-germânico Rodolfo II (1552-1612). Estava na arca do tesouro das relíquias, no coro, em frente à capela-mor da Capela Palatina do Castelo de Neustadt (Stiftskirche Neustadt an der Weinstraße), onde os arquiducos da Áustria guardavam as suas relíquias. Fez parte da doação de 1588, vindo na procissão de 25 de janeiro, no 10.º andar, onde já estava inserida num busto em prata dourada. Deu origem a um dos quatro jubileus da Igreja de São Roque o qual era celebrado a 1 de fevereiro. No primeiro jubileu de Santa Brígida, ainda em 1588, comungaram na igreja de São Roque 2500 pessoas. Nesse dia, tal como nos restantes três jubileus, mostravam-se publicamente todas as relíquias, retirando-se as telas que cobriam os nichos e dispondo alguns relicários pela igreja. Em 1590-91, foi atribuído um milagre à relíquia, pois um homem sofrendo de hemorragias e que não se conseguia curar com os médicos nem com “mezinhas”, veio beijar a cabeça de Santa Brígida e ficou logo curado. Em 1636, a relíquia estava no altar das Santas Virgens. Em 1691, a sua festa implicava um complexo cerimonial que incluía a abertura dos santuários das relíquias, a colocação de quatro telas no cruzeiro da igreja, o atapetamento da capela-mor, a colocação dos frontais de terceira classe e do pano de púlpito, a aplicação das vestimentas de chamalote no cruzeiro da igreja, dos castiçais maiores nas capelas, da relíquia de Santa Brígida no lado do evangelho da igreja para ser beijada pela população e, por fim, o tocar os sinos da igreja a repique. Em 1759, talvez ainda existisse o relicário de prata, pois refere-se a existência de dois bustos de santas virgens, neste material, no respetivo altar. Porém, à semelhança da quase totalidade de relicários em materiais preciosos, o relicário desapareceu, mas a relíquia preservou-se. Pensa-se que isto aconteceu aquando da ocupação francesa (1807-1808) que mandou derreter na casa da moeda todos os objetos preciosos não essenciais ao culto. Em 1843, estava solta sobre uma almofada de veludo carmezim. Foi depois introduzida num relicário em talha dourada e policromada, provavelmente pré-existente, onde que se preserva até hoje (RL 1046).

A 25 de setembro de 1902, por proposta do reitor da igreja do Corpo Santo, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa deliberou oferecer uma parte desta relíquia à igreja que se estava construindo na Irlanda, no local onde a santa nascera. Esta igreja é a de Santa Brígida em Kilkurry na paróquia de Faughart, onde a relíquia chegou em fevereiro de 1903, com a aprovação do cardeal-patriarca de Lisboa e através dos canais das freiras dominicanas. A presença desta relíquia motivou um movimento de peregrinação a Faughart, onde se incluíam também as ruínas associadas ao nascimento da santa. Em 1934, ocorreu a primeira grande peregrinação nacional a Faughart, ganhando o evento contornos nacionalistas. Este movimento de peregrinação recente e enquadrado

na doutrina católica, evoluiu para um movimento mais alargado, o “Brigid of Faughart Festival”, criado em 2008, onde se organiza um festival que evoca o culto pagão recriando uma espiritualidade céltica e feminina, que estaria subjacente à santa cristã.

biografia

Brígida nasceu na Irlanda, no condado de Armagh. O pai chamava-se Dubhthach e era natural de Leinster; a mãe era uma escrava de Connacht. A sua conceção e o seu nascimento estão envoltos em uma aura de predestinação. Quando a gravidez da escrava se torna evidente, esta é expulsa. Alguns anos mais tarde, Brígida será levada para a casa paterna, destacando-se no exercício das virtudes. O pai dá-lhe conhecimento de várias propostas de casamento, mas ela responde que pretende continuar no estado de virgem e ingressar na vida religiosa. De modo a escapar ao matrimónio, roga a Deus que a torne feia: os olhos crescem e ficam brancos, e esta situação só se reverte quando entra num mosteiro.

Faleceu em Kildare, em 524 ou 525, e foi sepultada na abadia que havia fundado. No século IX, o seu corpo será trasladado para Downpatrick, procurando-se, deste modo, evitar que sofresse quaisquer danos, devido às incursões dos vikings na ilha.

hagiografia

O primeiro testemunho que nos fornece um relato do percurso espiritual trilhado por Santa Brígida é a anónima *Vita I S. Brigitae* (BHL 1455-1456), redigida no século IX. Esta hagiografia realça que a religiosa se manteve muito próxima de São Patrício, por antonomásia «o Apóstolo da Irlanda». Por seu lado, a *Vita Sanctae Brigitae*, escrita pelo monge irlandês Cogitosus, provavelmente no último decénio do século VII, realça, sobretudo, a faceta de fundadora da Abadia Kildare, um mosteiro duplex. A dimensão do «maravilhoso» destaca-se também na hagiografia de Santa Brígida, especialmente os vários milagres que são obrados por sua intercessão e que têm a ver com curas de enfermidades, nomeadamente a cegueira e a lepra.

culto e canonização

A sua memória litúrgica celebra-se a 1 fevereiro. Na Irlanda, o culto de Santa Brígida remonta ao século VII; nas centúrias seguintes, a sua veneração estendeu-se a França, Itália e Alemanha, passando, em boa medida, pela devoção às suas relíquias.

fontes

- A.H.T.C., Cartório da Junta da Inconfidência, Companhia de Jesus, Casa Professa de São Roque – Lisboa, maço 29, n.º 112, doc. 5.
- B.A., MS. 54-XI-38 (3).
- B.N.P., Secção de Reservados, Cod. 207 e 7193.
- S.C.M.L., processo de restauro n.º 12.
- S.C.M.L., Livro SCML/OA/MS/04/Lv 016.

bibliografia

- ATHERTON, David W.; PEYTON, Michael P. – *Saint Bridgid. Holly Wells, Patterns and Relics*, policopiado disponível em <http://saintsandrelics.co.uk/onewebmedia/St%20Bridgid.pdf>
- CAMPOS, Manuel de – *Relaçam o Solenne Recebimento*, Lisboa: António Ribeiro, 1588.
- CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varoens Illustres em virtude do reino de Portugal, e suas conquistas*, tomo I (Lisboa, 1652) (ed. fac-similada, com estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes), Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.
- CONNOLLY, Sean (trad.) – *Vita Prima Sanctae Brigitae*, Irlanda: Royal Society of Antiquaries of Ireland, 1989.
- CONNOLLY, Sean; PICARD, Jean-Michel – “Cogitosus’s Life of Saint Brigit: Content and Value”, in *Journal of the Royal Society of Antiquaries of Ireland*, Dublin, n.º 117, 1987, pp. 11-27.
- CURTO, Diogo Ramada – “Vinte seis cabeças de santos”, in *Cultura Política no tempo dos Filipes (1580-1640)*, Lisboa: Edições 70, 2011, pp. 95-106.
- GRANCHO, Nuno, – “A prata elvense nas contribuições de 1807-1808 e 1834”, in *Revista de Artes Decorativas*, n.º 5, 2011, pp. 107-132.
- Memória do Descobrimento e Achado das Sagradas Relíquias do Antigo Santuário da Igreja de S. Roque*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1843.
- SHARPE, R. – “*Vitae S. Brigitae*: the oldest texts”, in *Peritia*, n.º 1, 1982, pp. 81-106.

Relíquia do crânio de Santa Brígida

Relic of Saint Bridget's skull

SCML.MSR.RLQ.1046.01

Relicário de Santa Brígida

Reliquary of Saint Bridget

Portugal, século XVIII

Madeira dourada e policromada

56,3 × 56,3 × 23 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. RL 1046



Santa Brígida

Saint Bridget

Portugal, século XVIII

Madeira policromada

49 × 17 × 17 cm

Ordem, PSEO/DP, inv. PCK0.0002



Santa Brígida

Saint Bridget

Portugal, século XVII

Madeira policromada

72 × 34 × 30 cm

Monchique, JFM, inv. s/n.º.

Proveniente da antiga ermida de Santa Brígida em Monchique



Feira de Santa Brígida, Lumiar
Saint Bridget Fair, Lumiar

Paulo Guedes (1886-1947)

Portugal, Lisboa, c. 1900

Fotografia

Lisboa, AML/CML, arquivo fotográfico, PT/AMLSB/CMLSBAH/
PCSP/004/PAG/000026



Feira de Santa Brígida, Lumiar
Saint Bridget Fair, Lumiar

José Artur Leitão Bárcia (1873-1945)

Portugal, Lisboa, c. 1900

Fotografia

Lisboa, AML/CML, arquivo fotográfico, PT/AMLSB/CMLSBAH/
PCSP/004/BAR/000243



Feira de Santa Brígida, Lumiar
Saint Bridget Fair, Lumiar

José Artur Leitão Bárcia (1873-1945)

Portugal, Lisboa, c. 1900

Fotografia

Lisboa, AML/CML, arquivo fotográfico, PT/AMLSB/CMLSBAH/
PCSP/004/BAR/000242



Um aspeto da feira de Santa Brígida, Lumiar
An aspect of the Saint Bridget Fair, Lumiar

Portugal, Lisboa, 18 de novembro de 1922

Fotografia

ANTT/DGLAB, Empresa Pública do Jornal *O Século*,
fotografias de 1921-1925, doc. 03733



Feira de Santa Brígida, Lumiar
Saint Bridget Fair, Lumiar

Portugal, Lisboa, 20 de novembro de 1922
Fotografia
ANTT/DGLAB, Empresa Pública do Jornal *O Século*, fotografias
de 1921-1925, doc. 03738



Feira de Santa Brígida, Lumiar
Saint Bridget Fair, Lumiar

Portugal, Lisboa, 22 de novembro de 1922
Fotografia
Lisboa, ANTT/DGLAB, Empresa Pública do Jornal *O Século*,
fotografias de 1921-1925, doc. 03741



Feira de Santa Brígida, Lumiar
Saint Bridget Fair, Lumiar

Portugal, Lisboa, 22 de novembro de 1922
Fotografia
Lisboa, ANTT/DGLAB, Empresa Pública do Jornal *O Século*,
fotografias de 1921-1925, doc. 03742



Estampa dedicada a Santa Brígida
Print dedicated to Saint Bridget

Portugal, Lisboa, século XIX
13,2 x 9,4 cm
Gravura sobre papel
Lisboa, BNP, álbum n.º 11 de Registos de Santos, n.º 4863



Sinal do exposto de Antônio com uma imagem de Santa Brígida
Foundling token of Antônio with an image of St Bridget

Portugal, século XIX
Metal dourado e prateado
22,5 × 30 cm
Lisboa, AH/SCML, Sinais de Expostos, n.º 1475 de 1812



Cruz de Santa Brígida
Cross of Saint Bridgid

Irlanda, século XXI
Fibras vegetais
19,5 × 19,5 cm
Compra on line
Para a sua construção consultar os tutoriais que ensinam a
fazer cruzes:



em papel



Procissão das Festas de Santa Brígida

Portugal, Vidigueira, Marmelar, agosto de 2011
Arquivo da TV Cuba
<https://www.facebook.com/watch/?v=1053905457974073>

São José de Anchieta

(1534-1597)

canonizado em 2014

festa 9 de junho

atributo onça

Saint Joseph of Anchieta

(1534-1597)

canonised in 2014

celebrate 9th June

attribute jaguar

Aprendeu com os indígenas o tupi que usou para mais facilmente passar a palavra de Deus.

He learned Ancient Tupi from the indigenous people, which he used to make it easier to pass on the word of God.

Ajudou a fundar povoações que se tornariam em grandes cidades no Brasil.

He helped found settlements that would become great cities of Brazil.

Anchieta, símbolo identitário do Brasil ou santo jesuíta?

Anchieta, Brazil's identity symbol or Jesuit saint?



São José de Anchieta

reliquia

A casa professa de São Roque possuía uma relíquia de São José de Anchieta (1534-1597) a qual foi obtida pelo padre Manuel de Lima (1554- 1620) quando esteve no Brasil por ordem do padre geral Cláudio Aquaviva (1543- 1615). Conforme atestou a 6 de maio de 1611, este visitador ouvira no Brasil falar muito das virtudes do padre José Anchieta e, por isso, retirou o corpo da sua sepultura na igreja de São Tiago, antigo colégio jesuíta na Capitania do Espírito Santo, e levou-o para o colégio da Baía, onde esteve numa capela interior até se consultar a Sede Apostólica. Por sua devoção particular, retirou então um osso “de nó a nó que parece ser do braço” e outro mais pequeno da mão que os enviou ao padre Francisco de Gouveia, prepósito da casa professa de São Roque, para ser colocado nos altares das relíquias da igreja. A relíquia não comparece nos inventários jesuítas, nomeadamente no de 1691, pelo que não deveria ser oficialmente reconhecida como tal. Em 1759, nos autos de inventário dos bens da casa professa de São Roque a relíquia do seu braço (RLQ. 1100.01) não estava ao culto, mas guardada no seu braço relicário em madeira, no cubículo do irmão sacristão. O relicário deve ser o mesmo em que está hoje, em forma de braço, em madeira policromada com aplicação de prata, datável ainda do século XVII.

No cubículo do irmão sacristão, juntamente com o braço relicário, estava também, em 1759, um cofre em madeira dourada com a capa do mesmo “venerável”. Esta outra relíquia de São José de Anchieta (RLQ. 1043.01) foi recentemente localizada no relicário urna (RL. 1043) em talha dourada de gosto joanino, datável da década de 1740, e consiste numa capa em sarja negra, muito remendada. Uma etiqueta em papel, presa no colarinho, possui a inscrição manuscrita, quase ilegível, com a palavra “Anchieta”.

De facto, José de Anchieta só foi beatificado em 1980 e canonizado em 2014, e isso pode ter impedido que as suas relíquias estivessem ao culto. Contudo, em 1843, ambas as relíquias estavam na igreja lisboeta, pois o braço foi inventariado na capela dos Santos Mártires e a capa no altar das Santas Virgens, esta última sem identificação.

biografia

José de Anchieta nasceu na ilha de Tenerife, pertencente ao arquipélago das Canárias, a 19 de março de 1534. Aos catorze anos, matricula-se no Colégio das Artes, anexo à Universidade de Coimbra, para estudar Filosofia, e em maio de 1551 ingressa no noviciado da Companhia de Jesus. A urgência da evangelização do Brasil levará o padre Manuel da Nóbrega, provincial da Companhia de Jesus naquele território, a solicitar o envio de mais missionários com vista à conversão dos indígenas. Como José de Anchieta padecia de uma enfermidade que lhe provocou escoliose, o padre Simão Rodrigues considerou que a mudança de ares poderia ser benéfica para a saúde do jovem jesuíta. Anchieta chega a

S. Salvador da Bahia de Todos os Santos a 13 de julho de 1553. Alguns meses mais tarde, partiria para a Capitania de São Vicente, com o padre jesuíta Leonardo Nunes. Ao longo dos anos que dedicou à missão, José de Anchieta desenvolveu várias estratégias que visavam estabelecer vias de comunicação com os nativos, na moldura da catequização: nesse sentido, aprendeu a língua tupi – de resto, seria o autor da *Arte da Gramática da Língua Mais Falada na Costa do Brasil*, editada em Coimbra, em 1595 – e ensinou latim aos índios. Integrou várias missões pelo litoral de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

José de Anchieta teve um papel ativo na fundação do Colégio da Companhia de Jesus em São Paulo. Dirigiu o Colégio dos Jesuítas, no Rio de Janeiro, entre 1570 e 1573. Em 1577, foi nomeado Provincial da Companhia de Jesus no Brasil, tendo exercido este cargo durante dez anos. Por outro lado, a sua faceta de autor também se destacou, como o mostra a obra *De gestis Mendi de Saa*; impressa em Coimbra em 1563, que exalta o heroísmo dos portugueses, liderados pelo governador-geral Mem de Sá, na moldura dos conflitos travados para expulsar os franceses da baía da Guanabara.

Em 1595, retirou-se definitivamente para a aldeia de Reritiba onde veio a falecer, a 9 de junho de 1597.

hagiografia

A Breve Relação da Vida e Morte do Padre José de Anchieta, quinto provincial que foi do Brasil recolhida por ordem do Padre Provincial Pero Roiz, composta, em 1598, pelo padre Quirício Caxa, é considerada a primeira biografia de José de Anchieta. A redação desta «Vida» impulsionaria a composição de outros textos de natureza semelhante, cujo objetivo residia na construção de um retrato «hagiografizante» do missionário jesuíta. A *Vida Do Padre Joseph de Anchieta da Compa. de JESU, Quinto Provincial q foy da mesma Comp.a No Estado do Brasil. Escrita pello padre Pero Rodriguez da mesma Comp.a Theologo, natural d'Evora, E setimo Provincial na mesma Provincia*, manuscrito concluído em 1607 e que, atualmente, se encontra à guarda do Archivio Storico della Pontificia Università Gregoriana, constitui um desses exemplos. De acordo com Camila Corrêa e Silva de Freitas, tratar-se-á de uma cópia modificada da primeira versão do texto biográfico da autoria de Pero Rodrigues, que foi escrita provavelmente entre 1605 e 1606, do qual existe também uma outra cópia manuscrita de 1620, talvez concluída em 1609, na Biblioteca Nacional de Portugal. Os três manuscritos declinam três versões diferentes, mostrando que a construção da memória hagiográfica de José de Anchieta resulta de um processo pautado por modificações. A «Vida» escrita pelo padre Pero Rodrigues veria a luz do prelo em finais do século XIX. Em Portugal, foram editadas, no século XVII, duas «Vidas» do missionário jesuíta: o *Compendio panegírico do Padre Jozé de Anchieta* (Lisboa, 1660) do padre Manuel Monteiro (S.J.) e a *Vida do veneravel Padre*

José de Anchieta da Companhia de Jesus, thaumaturgo do Novo Mundo (Lisboa, 1672) do Padre Simão de Vasconcelos (S.J.), que já havia integrado uma notícia biográfica de Anchieta na *Chronica da Companhia de Jesus do estado do Brasil* (Lisboa, 1663).

Os propósitos de glorificação de José de Anchieta mesclam-se com um discurso ideologicamente legitimador da ação da Companhia de Jesus no Brasil. Deste modo, o padre Simão de Vasconcelos, na «Vida» avulsa e na «Crónica», pretendeu mostrar que a Província do Brasil era também fértil em «santos» e mártires que muito a prestigiavam, não só espiritual, como socialmente. Nesse sentido, como bem realçou Zulmira Santos, as “Vidas” de Anchieta integram «exactamente o mesmo projecto de divulgação e construção de uma identidade da Assistência no Brasil que as peculiares condições de evangelização justificavam» (SANTOS, 2008: 162), corroborando uma certa dimensão «territorial».

culto e canonização

O processo com vista à sua beatificação revelou-se muito moroso: com efeito, apesar de aquele se ter iniciado em 1617, só conheceria o desfecho esperado em junho de 1980, no pontificado de João Paulo II. Catorze anos mais tarde, em 3 de abril de 2014, o Papa Francisco canonizou José de Anchieta.

fontes

A.H.T.C., Cartório da Junta da Inconfidência, Companhia de Jesus, Casa Professa de São Roque – Lisboa, maço 29, n.º 112, doc. 5.

S.C.M.L., Testemunhos de Relíquias, documento n.º SCMLSB/CPSRL/06/48.

bibliografia

FREITAS, Camila Corrêa e Silva de – *Divulgar a biografia de um santo: os usos e as apropriações da figura de José de Anchieta no Brasil e na Europa (século XVIII)*, São Paulo; Universidade de São Paulo, 2016. Tese de Doutorado em História Social apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Memória do Descobrimento e Achado das Sagradas Relíquias do Antigo Santuário da Igreja de S. Roque, Lisboa: Imprensa Nacional, 1843.

SANTOS, Zulmira C. – “A literatura “hagiográfica” no Brasil do tempo do P.e António Vieira: da *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil* e do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mundo (1663) às biografias devotas de Simão de Vasconcellos”, in *Românica*, n.º 17, 2008, pp. 151-166.

SILVA, Nuno Vassalo e (coord.), *Esplendor e Devoção. Os Relicários de S. Roque*, Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa / Museu de São Roque, 1998.

VIOTTI, Hélio Abranches – *Primeiras biografias de José de Anchieta – Quirício Caxa e Pero Rodrigues*, São Paulo: Ed. Loyola, 1988.

Relíquia de um osso do braço de São José de Anchieta
Relic of a bone from Saint Joseph of Anchieta's arm

SCML.MSR.RLQ.1100.01

Relicário de São José de Anchieta
Reliquary of Saint Joseph of Anchieta

Portugal, século XVII
Madeira policromada e prata
60 × 11 × 11 cm
Lisboa, MSR/SCML, inv. RL 1100



Relíquia da capa de São José de Anchieta
Relic of Saint Joseph of Anchieta's cloak

SCML.MSR.RL.1043.01

Relicário de São José de Anchieta
Reliquary of Saint Joseph of Anchieta

Portugal, meados do século XVIII
Madeira dourada
19,1 × 37,8 × 30,3 cm
Lisboa, MSR/SCML, inv. RL 1043



São José de Anchieta
Saint Joseph of Anchieta

Portugal, século XX
Madeira pintada
107 × 50 × 29,5 cm
Ponte de Sor, SCMPS, inv. 12



Uma procissão com São José de Anchieta
A procession with Saint Joseph of Anchieta

J. Galhardas
Portugal, 1954
Pintura a guache
38 x 47 cm
Ponte de Sor, SCMPS, inv. 41



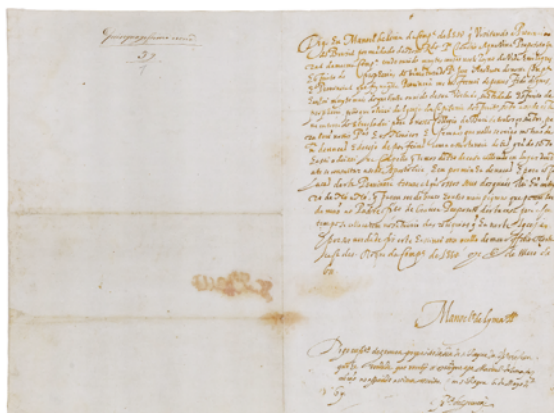
Onça Karajá, como as amigas de Anchieta
Karajá Leopard, like Anchieta's friends

Brasil, Região Norte – Amazônia, Tocantins – Ilha do Bananal, século XX
Barro policromado
8,5 x 7 x 21,7 cm
Lisboa, MNE/DGPC, inv. BD 147



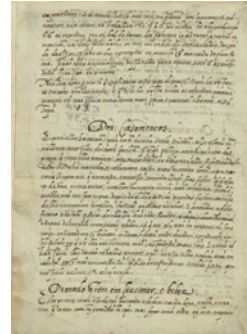
Um atestado da proveniência da relíquia de José de Anchieta do século XVII
An attestation of the provenance of the relic of José de Anchieta from the 17th century

Manuel de Lima (1554-1620)
Manuscrito sobre papel
Portugal, Lisboa, 6 de maio de 1611
45 x 60 cm
Lisboa, AH/SCML,
inv. SCMLSB/CPSRL/06/48



Informação dos casamentos dos índios do Brasil
Information on marriages of indigenous people in Brazil

José de Anchieta (1534-1597)
Portugal, século XVIII
Manuscrito sobre papel
Évora, BPE, Cod. CXVI/1-33, n.º 11



Cronologia breve da "vida" de José de Anchieta
Brief chronology of José of Anchieta's "life"

Portugal, século XVII
Manuscrito sobre papel
28,8 x 21,5 cm
Lisboa, ANTT/DGLAB, Cartório Jesuítico, maço 56, n.º 2



Desenho para uma caixa de prata
da relíquia de José de Anchieta
Design for a silver case
of the relic of Joseph of Anchieta

Luis Benavente (1902-1993)
Portugal, meados do século XX
Desenho sobre papel
31,6 x 79,4 cm
Lisboa, ANTT/DGLAB,
Luís Benavente,
caixa 124, pasta 851,
desenho n.º 6.



Estampa de José de Anchieta com as onças
Print of Joseph of Anchieta with the leopards

Portugal, século XIX
Gravura sobre papel
16,9 × 11,9 cm
Lisboa, BNP, álbum n.º 3 de Registos de Santos, n.º 1285



Varição da estampa de José de Anchieta com as onças
Variation of the Joseph of Anchieta print with the leopards

Portugal, século XIX
Gravura sobre papel
14,5 × 11 cm
Lisboa, BNP, álbum n.º 3 de Registos de Santos, n.º 1284



Retrato do padre José de Anchieta
Portrait of father Joseph of Anchieta

Portugal, início do século XIX
Gravura sobre papel
24,8 × 17,8 cm
Coleção particular



São Sebastião

(256-288)

culto a partir do século VII

feira 20 de janeiro

atributo flechas

Saint Sebastian

(256-288)

cult from the 7th century

celebrate 20th January

attribute ARROWS

Santo tido como grande protetor das chagas devido ao modo como foi martirizado.

Saint considered a great protector of the wounds because of the way he was martyred.

Conhecido como "soldado de Cristo", protetor dos jovens que iam para a guerra.

Known as the "soldier of Christ", protector of young men who went to war.

Guerra e doença, grandes medos da humanidade, será este um santo do apego à vida terrena?

War and illness, humanity's great fears, is this a saint of attachment to earthly life?



São Sebastião

reliquia

Nos inventários da casa professa de São Roque consta a referência a uma relíquia de São Sebastião inserida num braço relicário em prata, com a mão em madeira e uma seta em prata, o qual estava, em 1614, no altar dos Santos Mártires. Esta relíquia não é associada a D. João de Borja, mas parece ter sido uma adição posterior. Em 1691, este relicário ainda se preservava. Em 1759, é possível que ainda existisse, mas sem certeza, pois dos onze braços relicários em prata inventariados em 1691, preservavam-se nove.

Apesar da semelhança descritiva, a relíquia atual de São Sebastião (RLQ.1094.01) não deverá ser a mesma, uma vez que se encontra noutra braço relicário (RL 1094), em talha dourada, de inícios do século XVII, semelhante o outro braço relicário existente (RL 1095) que contém uma relíquia de Santa Úrsula, que também não aparece nos inventários jesuíticos. Talvez sejam os “dois braços pequenos em madeira dourados com relíquias de santos” inventariados em 1759, mas, mais uma vez, sem segurança. Ambos aparecem no santuário de São Roque em 1843 pelo que devem ser uma aquisição tardia do século XVIII.

A segunda relíquia de São Sebastião existente (RLQ.0291.01) está aplicada num relicário italiano da autoria de Antônio Gigli (c.1704-1761?) produzido em Roma em 1727-1728. A sua presença em São Roque está documentada somente em 1843. Tal como referimos no caso da relíquia de São Estanislau Kostka, este relicário é semelhante aqueles da mesma oficina e período existentes no Real Edifício de Mafra, sendo associável, por isso, a uma encomenda contemporânea.

biografia

Terá vivido entre 256 e 288 d.C. Ambrósio de Milão, no *Comentário ao Salmo 118*, afirma que Sebastião nasceu em Milão, mas outras fontes defendem que seria oriundo da cidade de Narbonne.

No tempo do imperador Maximiano, Sebastião terá ingressado na guarda pretoriana, tendo-se destacado pela sua bravura, que lhe granjeará um significativo reconhecimento. Contudo, pese embora o facto de ocupar o cargo de capitão da guarda pretoriana, Sebastião foi desenvolvendo uma profunda admiração pelos cristãos que eram sacrificados em prol da fé e, desse modo, decidiu converter-se ao cristianismo. Quando o imperador Diocleciano descobre que Sebastião se tinha tornado cristão, condena-o a padecer o martírio por meio de flechas. No entanto, o militar consegue sobreviver a esse suplício, graças ao auxílio de Santa Irene. Tendo conhecimento de que Sebastião escapara à morte, Diocleciano decreta que aquele seja martirizado no hipódromo do palácio imperial e que o seu cadáver seja arremessado à Cloaca Máxima.

hagiografia

Após sofrer o suplício por ordem de Diocleciano, o corpo do mártir será recuperado, de acordo com as instruções do próprio Sebastião, que aparece, em sonhos, a Santa Lucina, e sepultado nas catacumbas da Via Ápia. Em 825, o corpo de São Sebastião foi oferecido pelo papa Eugénio II a Hilduíno, que o sepultou no mosteiro de Soissons, e, alguns anos mais tarde, Gregório IV ordenaria a trasladação do cadáver para ser depositado na capela de São Gregório Magno, na basílica de São Pedro, em Roma.

culto e canonização

O culto a São Sebastião, cuja festa litúrgica se celebra a 20 de janeiro, rapidamente se divulgou na Europa e em África. A sua difusão deveu-se, em grande medida, à produção e à circulação da sua *Passio* que contribuiu para a cristalização da devoção polarizada em torno deste mártir, amplificada a partir de 680, na moldura da peste que grassou em Roma durante este ano, pois atribuiu-se à sua intercessão o fim desta epidemia. Na Península Ibérica, as origens do culto a São Sebastião ancorar-se-ão na época visigótica. Esta devoção conheceu um renovado fulgor ao longo do século XVI, devido às epidemias – nomeadamente a peste – que assolavam Portugal e que se traduz na construção de igrejas, ermidas, casas de oração e na produção de imagens.

O culto de São Sebastião é também, em larga medida, sustentado pelo facto de várias relíquias suas se encontrarem no reino de Portugal. Aquelas encontravam-se depositadas nas sés de Braga, Évora e Coimbra; nos colégios da Companhia de Jesus situados nestas cidades; nos mosteiros de Santa Cruz de Coimbra (um dente e uma cana do seu braço), de Alcobaça, de Nossa Senhora dos Mártires (o espinhaço), dos Jerónimos, de Odivelas (um dedo) e de São Vicente de Fora (um braço que era levado em procissão no dia 20 de janeiro).

fontes

A.H.T.C., Cartório da Junta da Inconfidência, Companhia de Jesus, Casa Professa de São Roque – Lisboa, maço 29, n.º 112, doc. 5.

B.N.P., Secção de Reservados, Cod. 7193.

S.C.M.L., Livro SCML/IG/GF/02/Lv 001.

bibliografia

CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varoens Illustres em virtude do reino de Portugal, e suas conquistas*, tomo I (Lisboa, 1652) (ed. fac-similada, com estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes), Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.

CARVALHO, José Adriano de Freitas – “Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa, 1588) e em Santa Cruz (Coimbra, 1595). Relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia”, in *Via Spiritus*, n.º 8, 2001, pp. 95-155.

FARIA, António Machado de – “A Igreja de S. Sebastião da Pedreira”, in *Revista Municipal*, ano XXIV, n.º 97, 1963, pp. 7-25.

GARCÍA RODRÍGUEZ, Carmen – *El culto de los santos en la España romana y visigoda*, Madrid: C.S.I.C., 1966.

Memória do Descobrimento e Achado das Sagradas Relíquias do Antigo Santuário da Igreja de S. Roque, Lisboa: Imprensa Nacional, 1843.

RICO, Maria João Toscano – *Santos e Milagres na Idade Média em Portugal. São Sebastião*, Lisboa: Centro de Estudos Clássicos – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013.

VALE, Teresa Leonor M. – “Relicários Ostensório de São Vicente Mártir, São João Francisco de Regis, São Estanislau Kostka e São Sebastião Mártir” in MORNA, Teresa Freitas (coord) – *Museu de São Roque, Catálogo*, 3.ª ed., Lisboa: Museu de São Roque / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2020, pp. 191-192.

Relíquia de um osso de São Sebastião

Relic of a Saint Sebastian's bone

SCML.MSR.RLQ.1094.01

Relicário de São Sebastião

Reliquary of Saint Sebastian

Madeira policromada

Portugal, século XVII

27,6 × 9,7 × 7,2 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. RL 1094



Relíquia de um osso de São Sebastião

Relic of a Saint Sebastian's bone

SCML.MSR.RLQ.0291.01

Relicário de São Sebastião

Reliquary of Saint Sebastian

Antônio Gigli (c. 1704-1761?), ativ. 1724-1756

Itália, Roma, 1727-1728

Prata e madeira

53,5 × 24,9 × 15,4 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. RL 291



São Sebastião

Saint Sebastian

Joaquim José de Barros Laborão (1762-1820)

Portugal, finais do século XVIII / inícios do século XIX

Madeira policromada

47,2 × 21 × 18,5 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. Esc. 73



São Sebastião
Saint Sebastian

Portugal, século XV
Calcário
95 × 40 × 26 cm
Nazaré, MDJM/DGPC, inv. 3 Esc.



São Sebastião
Saint Sebastian

Portugal, século XVIII
Madeira e vidro
13 × 9 × 2,5 cm
Crato, SCMCR, inv. 499 E



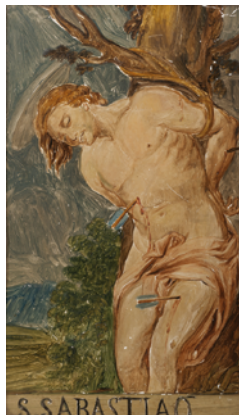
São Sebastião
Saint Sebastian

Portugal, século XV
Calcário policromado
70 × 21 × 24 cm
Montemor-o-Novo, Cabrela, PC/DE, inv. MN.CA.1.009 esc



São Sebastião
Saint Sebastian

Portugal, início do século XIX
Pintura sobre vidro
41 x 28 cm
Lisboa, MSR/SCML, inv. PIN 4



Sebasteo com representação de São Sebastião
Orphrey with representation of San Sebastian

Portugal, século XVIII
Fragmento de sebasteo.
Fio de seda bege; fio de lã; fio de linho crú; fio de seda polícroma; fio de lã polícroma; fio de lã polícroma.
Fio de metal dourado (ouro?) laminado.
Tecido – base: tafetá de linho. Galão: bordado dourado largo. Bordado direito e bordado de aplicação.
128 x 22,5 cm
Guimarães, MAS/DRCN, inv. MAS T 71(1/2)
Proveniente da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Guimarães



Registo de São Sebastião
Saint Sebastian Register

Portugal, século XVIII (gravura); século XX
Papel e vidro
21,8 × 15,5 × 4 cm
Crato, SCMCR, inv. 1120 G



Andor de São Sebastião por Rosa Ramalho
Saint Sebastian's Processional Litter by Rosa Ramalho

Rosa Ramalho (1888-1977)
Portugal, Barcelos, São Martinho de Galegos, século XX
Barro policromado
12 × 8 × 11 cm
Lisboa, MNE/DGPC, inv. AT.705



Antífonas a São Roque e São Sebastião
em tempos de peste
Antiphons to Saint Roch and Saint Sebastian
in times of pestilence

Portugal, Lisboa, 1758
Manuel da Conceição (autor), (1640-1693); Miguel
Manescal da Costa (impressor), (ativ. 1740-1801)
Manuale romano-seraphicum ad usum
fratrum Minorum
Impressão sobre papel
21,2 × 31,3 cm
Lisboa AH/SCML, LA Mp XVIII 046



***Sinal do exposto Maria Cardosa Mendonça
com meia estampa de São Sebastião***
***Foundling token of Maria Cardosa Mendonça
with half-print of Saint Sebastian***

Portugal, século XIX
Gravura sobre papel
45 × 30 cm
Lisboa, AH/SCML, Sinais de Expostos, n.º 1211 de 1805



***Sinal do exposto Alexandre com uma imagem
de São Sebastião***
***Foundling token of Alexandre with an image
of Saint Sebastian***

Portugal, século XIX
Gravura sobre papel
30 × 45 cm
Lisboa, AH/SCML, Sinais de Expostos, n.º 421 de 1807



***Sinal do exposto Sebastiana
com uma imagem de São Sebastião***
***Foundling token of Sebastiana with an image
of Saint Sebastian***

Portugal, século XIX
Gravura sobre papel
30 × 22,5 cm
Lisboa, AH/SCML, Sinais de Expostos, n.º 1530 de 1826



Bolos de São Sebastião
São benzidos para a festa de São Sebastião de
Barbacena no Domingo antes de 20 de Janeiro.
Saint Sebastian cakes
They are blessed for the festivities of São Sebastião in
Barbacena on the Sunday before the 20th of January.



Fábrica da Igreja Paroquial de Barbacena
Portugal, Barbacena, 2023
Farinha de trigo, açúcar, banha de porco, limão,
erva-doce e canela.

Procissão das Fogaceiras
"Fogaceiras" Procession

NCO Canal on-line
Portugal, Santa Maria da Feira, 2016
<https://www.youtube.com/watch?v=88TLd2IAOTA>

Festas 2015 – Saída do andor do Mártir
Feast of Saint Sebastian of the fishermen of Matosinhos,
departure of the processional litter after the blessing

Festas ao Mártir São Sebastião Matosinhos
Portugal, Matosinhos, março de 2015
<https://www.youtube.com/watch?v=Ol-r0h4E10w>

Fabrico dos bolinhos de São Sebastião, bem como a respetiva procissão e festa em Barbacena.
Preparation of the Saint Sebastian cakes, as well as the respective procession and feast in Barbacena.

Memória Média
Portugal, Elvas, 2013
Arquivo Memória Média
<https://www.memoriamedia.net/index.php/bolinhos-de-s-sebastiao-sabores>

Procissão do Mártir São Sebastião Matosinhos 2022: Saída Igreja
Procession of the Martyr Saint Sebastian, Matosinhos 2022: exit church

António Paulo Pedroso
Portugal, Matosinhos, 2022
<https://www.youtube.com/watch?v=U6CcfWQrTME>

**Amador de Cahors; Amândio de Maastricht;
Calisto I; Ciríaco; Diogo Kisai;
Lourenço de Huesca; Lúcio I;
Paulino de Lucca; Paulo Miki**

(séculos I e XVI)

culto Idade Média; Diogo Kisai e Paulo Miki canonizados em 1862

festas a 6 de fevereiro (Amândio, Kisai e Miki);

14 de outubro (Calisto); 8 de agosto (Ciríaco);

10 de agosto (Lourenço); 15 de março (Lúcio);

12 de julho (Paulino);

atributos palma (todos), grelha (Lourenço), cruz,

lança (Kisai e Miki), mó (Calisto), serpente (Amândio),

diabo acorrentado (Ciríaco)

**Albina de Roma; Anastácia de Sírmio;
Bresília de Roma; Clarísia;
Cristina de Bolsena; Martina de Roma;
Romana; Úrsula**

(séculos III e IV)

culto a partir do século XVI

festas a 17 de fevereiro (Albina);

25 de dezembro (Anastácia); 24 de julho (Cristina);

30 de janeiro (Martina); 21 de outubro (Úrsula);

atributos palma (todas); flecha (Úrsula); mó ou roda

(Cristina); seios cortados e fogueira (Anastácia);

leão (Martina)

Amador of Cahors; Amandus of Maastricht;
Callixtus I; Cyriacus; James Kisai;
Lawrence of Huesca; Lucius I;
Paulinus of Antioch; Paul Miki

(1st and 16th century)

cult James Kisai and Paulo Miki canonised in 1862

celebrated on 6 February (Amandus, Kisai and Miki);

14th October (Callixtus); 8th August (Cyriacus);

10th August (Lawrence); 15th March (Lucius) 12th July (Paulinus);

attributes palm (all), grid (Lawrence), cross, spear (Kisai and Miki), millstone (Callixtus), snake (Amandus),

chained devil (Cyriacus)

Albina of Rome; Anastasia of Sirmium;
Bresília of Rome; Clarísia; Christina of Bolsena;
Martina of Rome; Frances of Rome; Ursula

(3rd and 4th century)

cult from the 16th century

celebrated on 17th February (Albina); 25th December (Anastasia);

24th July (Christina); 30th January (Martina);

21st October (Ursula);

attributes palm (all); arrow (Ursula); millstone or wheel (Christina); cut breasts and fire (Anastasia);

lion (Martina)

**Santas mulheres quase todas com ligação a Roma,
todas paleocristãs, todas mártires, menos uma.**

Female saints, almost all linked to Rome,
all Palaeo-Christian, all martyrs except one.

**Santos homens paleocristãos ligados a Roma, com outros,
de outras geografias e outro tempo.**

Paleo-Christian male saints linked to Rome, with others,
from other geographies and other times.

**Santas e santos, antigos, menos antigos, uns mártires
outros nem tanto: o que os une?**

Female and male saints, ancient, less ancient,
some martyrs, others not: what unites them?



Santos Eles Santas Elas

reliquias

O par de relicários ostensórios em bronze dourado (RL. 274 e 277) alberga dois conjuntos de relíquias. O primeiro só com relíquias de santas mulheres (Martina de Roma mártir; Albina de Roma mártir; Onze Mil Virgens mártires; Cristina de Bolsena mártir; Clarísia mártir; Romana mártir; Anastácia de Sirmio mártir e Bresila de Roma); e o segundo exclusivo com relíquias de santos homens (Ciríaco diácono e mártir; Paulino de Lucca bispo e mártir; Lúcio I papa e mártir; Calisto papa e mártir; Lourenço de Huesca mártir; Amador de Cahors ermita; Paulo Miki mártir; Amândio de Maastricht bispo e Diogo Kisai mártir).

Estas relíquias não constam dos inventários jesuítas. Poderão ser aqueles descritos na capela dos santos mártires, em 1759, na passagem “Dois relicários de bronze lisos, dourados, com cruz em cima, e dentro relíquias de santos”. Com certeza, aparecem na capela das Santas Virgens em 1843, pelo que podem ter sido uma aquisição posterior, do século XVIII.

No conjunto das relíquias comparecem duas dos mártires do Japão – Paulo Miki (c. 1562-1597) e Diogo Kisai (1533-1597) – denominando-os já como santos. Como estes só foram beatificados em 1627 e canonizados em 1862, é possível que os relicários sejam mais tardios, ou que a introdução de algumas das relíquias no seu interior tenha ocorrido em data tardia, embora anterior ao século XIX. A presença de Santa Martina – uma mártir romana cujas relíquias foram descobertas apenas em 1634 numa cripta na prisão Mamerquina em Roma – pode confirmar o carácter tardio desta coletânea de santos.

Os dois relicários têm como principal particularidade a reunião de diversos santos, a maioria desconhecidos, separando-os por género. Havia no santuário de relíquias de São Roque outros relicários onde esta particularidade se verificava, nomeadamente numa cruz de prata dourada e num par de relicários *à tabula* em prata, todos oferecidos por D. João de Borja.

Os santos presentes aparentam não ter relação entre si. Parece haver um predomínio por santos mártires com alguma devoção na Itália, sendo possível que, a dada altura, algumas das relíquias tenham sido substituídas por novas devoções mais alinhadas com os jesuítas.

biografia, hagiografia, culto e canonização

O significativo conjunto constituído pelas mártires acima elencadas reflete uma tendência que vinha, desde a Antiguidade, marcando o contexto da percepção da santidade e da produção hagiográfica: o fascínio exercido pelo martírio e a sua perenidade enquanto «o Modelo» por excelência, na medida em que o mártir, sofrendo o suplício em prol da fé, se configurava na morte com Cristo. Alguns destes casos declinam também a valorização

da virtude da castidade feminina, na linha de São Paulo e dos Padres da Igreja, e a sua proposta, enquanto modelo de comportamento ideal, para todos os estados femininos. De facto, as décadas pós-tridentinas testemunharam o esforço de reafirmação da superioridade do celibato religioso e clerical, considerados «estados de perfeição», o que influenciou a recuperação de vários exemplos de mártires antigas e medievais. Por outro lado, importará lembrar que este interesse pelas «Vidas» de santas mártires, na Época Moderna, terá sido, em grande parte, motivado pela edição da *Historia delle sante vergini romane* (1591), de Antonio Gallonio.

Martina de Roma, filha de um ex-cônsul, foi martirizada no século III, durante as perseguições de Alexandre Severo. Recusando-se a celebrar os deuses do panteão romano, Martina padeceu múltiplos suplícios, acabando por ser decapitada. Em 1634, as suas relíquias foram encontradas numa antiga igreja e, de molde a exaltar a sua memória, o papa Urbano VIII ordenou a construção de uma basílica em sua honra. A sua memória hagiográfica ficou registada em uma *Passio*. Já na Época Moderna, Antonio Gallonio, na sua *Historia delle sante vergini romane* (1591), inclui uma «Vida» desta mártir, e Marsilio Onorati redige a obra *Historia di Santa Martina Vergine, e martire* (1635). Padroeira de Roma, a sua festa litúrgica celebra-se a 30 de janeiro.

Albina de Roma nasceu em Cesareia, na Palestina. Recusando-se a venerar os deuses romanos, foi decapitada no tempo em que governava o imperador Décio. O seu corpo foi lançado ao mar, em uma barca que aportou em Scauri (Itália), sendo trasladado posteriormente para as catacumbas. O seu martírio constituiu o objeto de escrita de uma *Passio* (BHL, 233).

Santa Úrsula, filha de Dionotus, rei da Bretanha, converteu-se ao cristianismo, fazendo voto de castidade. Um príncipe pagão pede Úrsula em casamento, mas o pai desta impõe, como condição, que a jovem seja acompanhada por várias virgens. Viajando rumo a Colônia, Úrsula e as suas Onze Mil companheiras serão martirizadas, em defesa da sua virgindade e da fé cristã, por volta de 383, pelos Hunos, que sitiavam a cidade. Além das várias *Passiones* (BHL, 8427, 8428, 8429, 8430) que exaltaram o triunfo de Santa Úrsula e das Onze Mil Virgens, o culto polarizado em seu torno cristalizou-se graças à difusão da hagiografia incluída na *Legenda Aurea* de Jacopo de Voragine, que seria retomada em outras recolhas hagiográficas ao longo da Época Moderna. A sua memória hagiográfica celebra-se a 21 de outubro.

Ainda que poucas informações de natureza biográfica sejam conhecidas, Cristina de Bolsena terá vivido no século III. Não aceitando honrar os deuses pagãos, Cristina terá sido torturada pelo próprio pai, através do recurso a vários instrumentos: uma grelha, colocada sobre o fogo, uma fornalha, uma roda, flechas e uma tentativa de afogamento com uma pedra amarrada aos pés. A sua memória litúrgica celebra-se a 24 de julho. O seu

culto foi difundido através da circulação da sua *Passio*, que conheceu várias versões (BHL, 1756, 1757, 1758, 1759).

Pese embora o facto de, ainda hoje, existirem várias dúvidas sobre a figura de Anastácia de Sírmio, presume-se que esta era de origem nobre, filha de pai pagão e de mãe cristã. Os textos, de matriz lendária, que foram divulgando os seus dados “biográficos” e as causas do seu martírio conheceram diferentes versões. Uma das variantes da sua *Passio* defende que o prefeito da província da Ilíria queria violá-la e, vendo gorado o seu intento, decidiu submetê-la a tortura. Na versão romana, lê-se que Anastácia era discípula de S. Crisógono. Padeceu o martírio em Sírmium, na Panónia, durante a perseguição de Diocleciano: de acordo com algumas fontes, foi queimada; outras sustentam que foi decapitada. A sua memória litúrgica celebra-se a 25 de dezembro.

No que diz respeito às mártires Clarisia, Romana e Bresília de Roma, não foi possível rastrear qualquer dado biográfico que permitisse reconstruir o seu perfil hagiográfico. É bem sabido como várias dimensões, desde o cristianismo primitivo, foram configurando a hagiografia: a absorção de *topoi* recorrentes na literatura pagã, a presença do «maravilhoso» na construção dos relatos e a urgência de promover o alto exemplo dos mártires, em um tempo de expansão e solidificação do cristianismo. Como sublinhou Hippolyte Delehaye, esta «contaminação» acabou por esbater ou até colocar em causa a historicidade dos relatos e dos seus protagonistas (DELEHAYE, 1955), assim como a identidade de algumas relíquias que, desde a antiguidade tardia, foram constituindo objetos de devoção cristã.

Ciríaco, diácono e mártir

Nobre romano que se converteu ao cristianismo. Foi ordenado diácono pelo papa Marcelo. O imperador Maximiano condenou-o, juntamente com alguns companheiros, a trabalhar na construção das suas termas. Será nestas circunstâncias que Ciríaco converterá ao cristianismo vários escravos que aí laboravam. Será o responsável pelo exorcismo de Artemísia, filha do imperador Diocleciano, que se tornará também cristã. A sua ortodoxia da fé acabou por despoletar uma nova condenação decretada por Maximiano que se traduziu no martírio que Ciríaco e os seus companheiros padeceram a 16 de março (século IV). O seu corpo foi sepultado na Via Salaria e, mais tarde, foi trasladado, pelo papa Marcelo, para uma propriedade, na Via Ostiense. Posteriormente, foi levado para Roma e sepultado na diaconia de Santa Maria, na Via Lata. A difusão do seu culto foi, em boa medida, favorecida pela circulação da sua *Passio* (BHL, 2056), que conheceu várias versões. O seu culto, celebrado liturgicamente a 8 de agosto, conheceu uma significativa difusão ao longo da Idade Média. No século XVI, o infante D. Luís ofereceu à ermida de São Brás, no castelo de Belver, um osso de São Ciríaco (CARDOSO, 1652: 323).

Paulino de Lucca, bispo e mártir

Foi o primeiro bispo da cidade de Lucca (na Toscana), tendo sido ordenado por São Pedro. Esta condição esteve na origem da sua condenação, no tempo em que Nero foi imperador. Paulino de Lucca foi martirizado em um local próximo do monte de Pisa, no século I. A sua memória litúrgica celebra-se a 12 de julho. O seu suplício foi registado, por escrito, na sua *Passio* (BHL, 6555).

Lúcio I, papa e mártir

Nascido em Roma, foi o vigésimo segundo papa, exercendo o cargo entre 253-254, após o pontificado de São Cornélio. Zelou de forma clara pelos seus fiéis, de modo a que observassem a ortodoxia da fé, enfrentando várias dificuldades e conflitos. Foi sepultado em Roma, no cemitério de Calisto, junto à Via Ápia. A sua memória litúrgica é celebrada a 5 de março. Além da notícia hagiográfica que integra o *Liber Pontificalis*, a difusão do seu culto foi favorecida pela produção e circulação da *Sanctus Lucius Papa et Martyr Romae Vita*, escrita pelo monge Guaiferio [BHL, 5022].

Calisto papa e mártir

São Calisto I nasceu em Roma. Sendo diácono, depois de um longo exílio na ilha da Sardenha, teve a seu cuidado o cemitério da Via Ápia que tem o seu nome. Foi bispo de Roma entre 217 e 222. Foi um dos protagonistas da querela que, pela primeira vez na história da Igreja, opôs um papa a um antipapa, a saber, Calisto I, que defendia, em matéria cristológica, de conceções eclesiológicas pautadas pela tolerância, e Hipólito, que apoiava a teologia do Logos, assumindo posições de matriz apocalíptica. Por ordem do imperador Alexandre, foi preso e atirado de uma janela, tendo-se afogado num poço. O culto polarizado em torno de São Calisto teve origem em Trastevere, local em que aquele sofreu o suplício. A sua memória litúrgica celebra-se a 14 de outubro. Um conjunto de textos, constituído pela sua *Passio* (BHL, 1523), pelo *Liber Pontificalis* e pela *Translatio sancti Callixti Cisonium* (BHL, 1525), contribuiu para a cristalização do seu culto. Ao longo da Idade Média, várias relíquias de São Calisto foram depositadas, sobretudo, em igrejas e mosteiros do norte da Europa.

Lourenço de Huesca, mártir

Foi um dos primeiros diáconos da Igreja cristã. De acordo com a tradição, sofreu a palma do martírio, por meio do flagelo da grelha metálica, a 10 de agosto de 258, na moldura da perseguição decretada pelo imperador Valeriano. A sua memória hagiográfica está na *Depositio Martyrum*, no «Epigrama 33» de São Dâmaso, no *Peristephanon 2* de Prudêncio, no «Hino 13» e na obra *Dos deveres dos clérigos* de Santo Ambrósio, em sermões de Santo

Agostinho e de São Leão Magno e no *Liber in Gloria Martyrum* de Gregório de Tours. O seu culto rapidamente se estendeu a outras áreas da Europa, como, por exemplo, a Península Ibérica, tendo conhecido uma expressão especialmente significativa em Huesca.

Amador de Cahors eremita

Presbítero romano que terá vivido no século V. Ainda hoje pairam várias dúvidas sobre a sua biografia. Após uma peregrinação à Terra Santa, decide tornar-se eremita, retirando-se para uma gruta, em Quercy. Santo Amador de Cahors terá sido o impulsionador do culto de Nossa Senhora de Rocamadour, que conhecerá uma significativa difusão em Castela, durante a Idade Média. O corpo do santo foi sepultado num túmulo da época merovíngia. No século XII, a sua sepultura foi aberta e o seu cadáver é encontrado incorrupto, facto que contribuirá para promover a sua *fama sanctitatis*, tornando o local um polo frequentado por muitos devotos. No tomo II do *Agiológio Lusitano* (1657: 320-321), Jorge Cardoso inclui uma breve notícia de um São Amador, anacoreta que viveu em Monsanto, cujos contornos biográficos não se afastam daqueles que configuram a vida de Amador de Cahors.

Paulo Miki e Diogo Kisai, mártires

Paulo Miki e Diogo Kisai faziam parte do conjunto formado por vinte e seis cristãos, por antonomásia os «Mártires do Japão», que foram crucificados na cidade de Nagasaki, a 5 de fevereiro de 1597, no contexto da perseguição decretada pelo xogunato dos Tokugawa. Paulo Miki nasceu no Japão em 1562 e ingressou na Companhia de Jesus em 1580. Foi o primeiro japonês a tornar-se jesuíta, tendo sido ordenado sacerdote.

Diogo Kisai, também de origem japonesa, casou com uma cristã convertida. Fascinado pela atividade evangelizadora que os jesuítas vinham desenvolvendo no Oriente, solicita o ingresso na Companhia de Jesus, tornando-se catequista. Juntamente com Paulo Miki e os outros companheiros, seria preso, torturado e condenado à morte na cruz.

O missionário jesuíta Luís Fróis registou o martírio dos cristãos na *Relacion del martirio de los 26 cristianos crucificados em Nagasaki el Febrero de 1597*. Em finais de 1597 ou inícios de 1598, esta "Relação" chegou a Roma e, de molde a exaltar e difundir o alto exemplo «corporizado» pelos mártires do Japão, e fizeram-se traduções do texto em italiano, latim, alemão e francês. O padre António Francisco Cardim, na sua obra *Elogios e ramallete de flores, borrifado com o sangue dos religiosos da Companhia de Jesus, a quem os tyranos do imperio do Japão tiraram as vidas por odio da fe catholica*, que inclui o *Catalogo de todos os religiosos e seculares que por odio da mesma fé foram mortos n'aquelle imperio, até o anno de 1640* (Lisboa, 1650) celebra também o modelo de heroísmo «corporizado» por estes cristãos. Os Mártires do Japão foram beatificados em 1627 e canonizados em 1862.

Amândio de Maastricht, bispo

Filho de Sereno e Amância, ambos cristãos, nasceu na Gasconha, por volta de 600. Foi nomeado bispo itinerante por Dagoberto I. Fundou vários mosteiros e igrejas e destacou-se na luta contra os pagãos, tendo-se também revelado vigilante, como «Bom Pastor», relativamente ao comportamento dos fiéis. Deste modo, «corporizou» um modelo de santidade muito próximo do exemplo de São Martinho de Tours. Faleceu no mosteiro de Elnon, que havia fundado, em finais do século VII. A anónima *Vita prima*, redigida, provavelmente, na segunda metade do século VIII, é a mais antiga fonte que nos permite reconstituir o itinerário religioso e espiritual de Amândio de Maastricht. Este texto seria amplificado, através da inclusão de documentos suplementares, por Milon, monge de Elnon. Vários autores consideram-no o «apóstolo da Bélgica». A sua memória litúrgica celebra-se a 6 de fevereiro.

fontes

A.H.T.C., Cartório da Junta da Inconfidência, Companhia de Jesus, Casa Professa de São Roque – Lisboa, maço 29, n.º 112, doc. 5.

S.C.M.L., Livro SCML/IG/GF/02/Lv 001.

bibliografia

Bibliotheca Hagiographica Latina Antiquae et Mediae Aetatis, 2 vols, Bruxelas: Socii Bollandiani, 1898-1899.

CAÑEQUE, Alejandro – “La ardua canonización de los mártires de Nagasaki”, in QUILES GARCÍA, Fernando; GARCÍA BERNAL, José Jaime; BROGGIO, Paolo; DELL'ARCO, Marcello Fagiolo (coord.) – *A la luz de Roma. Santos y santidad en el barroco iberoamericano*, Roma / Sevilla: Roma Tre-Press / Enredars / Universidad Pablo de Olavide, 2020, pp. 171-198.

CLUGNET, Léon – “St. Martina” in *The Catholic Encyclopedia*, vol. 9, Nova Iorque, Robert Appleton Company, 1910, disponível em <http://www.newadvent.org/cathen/09730a.htm> [consultado em 25.01.2023].

CONSOLINO, Franca Ela – “Modelli di santità femminile nelle più antiche Passioni romane”, in *L'agiografia latina nei secoli IV-VII, XII Incontro di studiosi dell'antichità cristiana, Augustinianum*, vol. XXIV, 1984, pp. 83-113.

DELEHAYE, Hippolyte – *Les légendes hagiographiques*, 4.ª ed., Bruxelas: Société des Bollandistes, 1955.

FERREIRO ALEMPARTE, Jaime – *La leyenda de las once mil vírgenes. Sus reliquias, culto e iconografía*, Murcia: Universidad de Murcia, 1991.

LEONARDI, Claudio; RICCARDI, Andrea; ZARRI, Gabriella – *Il Grande Libro dei Santi. Dizionario Enciclopedico*, 3 vols., Cinisello Balsamo: San Paolo, 2002.

Memória do Descobrimento e Achado das Sagradas Relíquias do Antigo Santuário da Igreja de S. Roque, Lisboa: Imprensa Nacional, 1843.

SIMÕES, André – *Santos e Milagres na Idade Média em Portugal. São Lourenço*, Lisboa: Centro de Estudos Clássicos – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013.

VINCENT-CASSY, Cécile – *Les Saintes Vierges et Martyres dans l'Espagne du XVIIe siècle. Culte et Image*, Madrid: Casa de Velásquez, 2011.

Relíquias de ossos das santas Albina de Roma, Anastácia de Sirmio, Bresília de Roma, Clarísia, Cristina de Bolsena, Martina de Roma, Romana, e Úrsula

Relics of bones of Saints Albina of Rome, Anastasia of Sirmium, Bresília of Rome, Clarisia, Christina of Bolsena, Martina of Rome, Romana and Ursula

SCML.MSR.RLQ.0274.01 a 0274.09

Relicário ostensório com relíquias de santas

Ostensorium reliquary with relics of saints

Portugal, século XVII

Latão e vidro

57,5 cm; Ø 17,5 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. RL 274



Relíquias de ossos dos santos Amador de Cahors, Amândio de Maastricht, Calisto I, Ciríaco, Diogo Kisai, Lourenço de Huesca, Lúcio I, Paulino de Lucca e Paulo Miki

Relics of bones of Saints Amador of Cahors, Amandus of Maastricht, Callistus I, Cyriacus, James Kisai, Lawrence of Huesca, Lucius I, Paulinus of Lucca and Paul Miki

SCML.MSR.RLQ.0277.01 a 0277.09

Relicário ostensório com relíquias de santos

Ostensorium reliquary with relics of saints

Portugal, século XVII

Latão e vidro

57,5 cm; Ø 17,5 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. RL 277



Santa Cristina

Saint Christina

Portugal, século XV

Pedra policromada e prata

64 x 17 x 17 cm

Mafra, Azueira, igreja de Santa Cristina



Cartazes de festas dedicadas aos santos Cristina, Calisto, Ciríaco e Lourenço
Posters of festivals dedicated to the saints Christina, Callixtus, Ciriacus and Lawrence

Portugal, século XXI



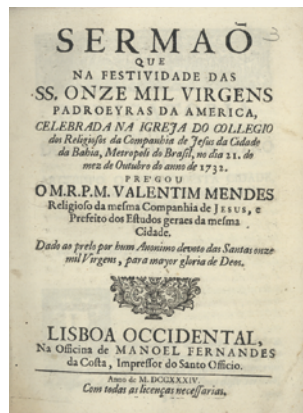
Festas de São Calisto, Paradelá (Mogadouro)
Feast of Saint Callixtus, Paradelá (Mogadouro)

Tipografia Minerva
 Portugal, Vila do Conde, 1986
 Impressão sobre papel
 43,5 x 30,5 cm
 Lisboa, BNP, inv. CT. 3163 V



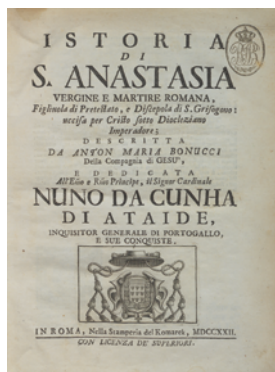
Texto de um sermão de 1734 na festa das Onze Mil Virgens
Text of a sermon of 1734 on the festivity of the Eleven Thousand Virgins

Portugal, Lisboa, 1734
Valentim Mendes (1689-1759)
Manuel Fernandes da Costa (impressor),
(ativ. 1728-1739)
Sermão que na festividade das SS. Onze Mil Virgens, padroeiras da America
Impressão sobre papel
20,6 × 14,2 cm
Lisboa, BNP, inv. HG 6757/3 V.



Uma "vida" literária de Santa Anastácia
A literary "life" of Saint Anastasia

Itália, Roma, 1722
Antonio Maria Bonucci (1651-1729)
Istoria di S. Anastasia, Vergine e Martire Romana
Impressão sobre papel
24,1 × 35,7 cm
Lisboa, BNP, inv. HG 1683 V



Martírio de São Paulo Miki
Martyrdom of Saint Paul Miki

Itália, Roma, 1646
Fasciculis e Iapponnicis Floribus, suo adhuc madentibus sanguine compositus
Gravura sobre papel
18,5 × 13,5 cm
Lisboa, Brotéria/PPCJ, Fundo Antigo, inv. 4/BB/10



Santa Úrsula e as Onze Mil Virgens
Saint Ursula and the Eleven Thousand Virgins

Lorenzo Pasinelli (1629-1700)
Itália, Bolonha (?), 1670-1700
Gravura a água forte sobre papel
38 × 47,5 cm
Lisboa, BNP, inv. E 382 A



S. Calixto, Papa e Mártir
S. Calixtus, Pope and Martyr

Portugal, 1850-1920
Gravura sobre papel
17,5 × 13 cm
Lisboa, BNP, inv. RS 475



Estampa de São Lourenço
Print of Saint Lawrence

Portugal, século XIX
Gravura sobre papel
9,6 × 6,5 cm
Lisboa, BNP, álbum n.º 3 do Registo de Santos, n.º 1337



Estampa dedicada a São Lourenço
Print dedicated to Saint Lawrence

Portugal, século XIX
Gravura sobre papel
9 × 6,2 cm
Lisboa, BNP, álbum n.º 3 do Registo de Santos, n.º 1343



Estampa de Santa Anastácia
Print of Saint Anastasia

Portugal, século XVIII
Gravura sobre papel
9,5 × 6,9 cm
Lisboa, BNP, álbum n.º 11 do Registo de Santos, n.º 4774



Procissão de São Lourenço em Vila Boim
Procession of Saint Lawrence in Vila Boim

Jorge Carvalho
Portugal, Vila Boim, 2013
<https://www.youtube.com/watch?v=UcBf1vNwR8>

Festas de Santo Amador, Moura
Feasts of Saint Amador, Moura

António Calado
Portugal, Moura, 2015
<https://www.youtube.com/watch?v=iw7loXUSBiY>

São Estanislau Kostka

(1550-1568)

canonizado em 1726

feira 13 de novembro

atributo lírio e Menino Jesus

Saint Stanislaus Kostka

(1550-1568)

canonised in 1726

celebrate 13th November

attribute lillies and Baby Jesus

Jovem promissor de uma ordem em ascensão e de um território disputado pelo Cristianismo.

A promising young man of a rising order and of a territory disputed by Christianity.

A sua curta vida caracteriza-se pela obediência, o estudo e a introspeção.

His short life is characterised by obedience, study and introspection.

Estudioso e devoto, muito apreciado pela sua ordem. E a devoção popular?

Studios and devout, he was much appreciated by his order. What about popular devotion?



São Estanislau Kostka

reliquias

A relíquia de São Estanislau Kostka (RLQ.1077.01) encontra-se num busto relicário (RL.1077) em madeira policromada do século XVII. Apesar disso, a sua existência não comparece nos inventários jesuíticos de São Roque (1600-1691). A primeira referência à sua presença na antiga casa professa dos jesuítas data apenas de 1843, pelo que pode ter sido uma aquisição posterior (do século XVIII) não obstante o relicário ser seiscentista. Não é de descartar, também, esta relíquia ter uma proveniência mais tardia ainda, já do período pombalino, proveniente de outras casas jesuítas lisboetas, tal como o noviciado da Cotovia (donde se acredita terem vindo outras peças de temática jesuítica) ou de Santo Antão o Novo, entregue à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa para aí instalar o Hospital de São José. A inscrição na relíquia refere o santo como sendo apenas beato, o que remete a sua cronologia para o período de 1605 a 1726.

A segunda relíquia de São Estanislau Kostka (RLQ.0299.01) também não comparece nos inventários jesuíticos e, de igual forma, a sua primeira referência segura em São Roque remonta a 1843. Está aplicada num relicário italiano (RL 299) da autoria de António Gigli (c.1704-1761?) produzido em Roma em 1727-1728, sendo semelhante a outros três relicários existentes no santuário de São Roque (RL 286, 291 e 300). O conjunto dos quatro poderá ser aquele referido em 1759 aquando do inventário dos bens da casa professa de São Roque por ocasião da expulsão dos jesuítas (1758) onde se refere: “Quatro relicários de prata lavrada em branco e dentro relíquias de santos”. Mas não é seguro. Da mesma oficina e período existe outro relicário no Museu da Ciência da Universidade de Lisboa (MCUL 6), pensa-se que proveniente do antigo noviciado da Cotovia, e vários no Real Edifício de Mafra (PNM 394, 395, 5782, 5783, 5784, 5785 e 5792). Por esta razão, todos estes relicários são associados a uma encomenda joanina contemporânea. Porém, não é de descurar a hipótese deste relicário (tal como os seus similares) ter sido encomendado, originalmente, para figurar no Real Edifício de Mafra aquando da sacração da sua basílica (1730). De facto, a 2 de agosto de 1729, a grande encomenda inicialmente pensada para Mafra de 200 relicários foi restrita a 50. E, a 3 de novembro seguinte, recomenda-se que se visite a coleção de relicários da Basílica de São Pedro em Roma para se ter uma ideia do que se pretendia e afirma-se que não é necessário comprar relíquias, apenas os relicários, com exceção de uma relíquia de São João Evangelista. Em 1834, existiam em Mafra dezoito relicários em prata com dois palmos de altura. É, pois, possível que este relicário faça parte desta encomenda dirigida a Mafra, mas, na sequência da extinção das ordens religiosas, em que muitos bens deram entrada em depósitos do Patriarcado, tenha vindo para a Casa Professa de São Roque no século XIX, selecionado pelo padre tesoureiro da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, devido à sua temática jesuíta.

biografia

Nascido em Rostków, na Polónia, em 1550, era filho de Jan Kostka e de Malgorzata Knyska, ambos de origem nobre. Em 1564, ingressa no colégio da Companhia de Jesus, em Viena, onde foi um dos melhores alunos, distinguindo-se no domínio e na compreensão do latim, do grego e do alemão. Deste modo, Estanislau Kostka «corporizou» o modelo do «perfeito estudante», contrastando, claramente, com o exemplo do seu irmão Paulo, que preferia a vida mundana. A devoção à Virgem Maria é um dos aspetos que, desde cedo, se reveste de uma importância fundamental na moldura das práticas espirituais de Estanislau Kostka. Com efeito, esse afeto que o jovem sempre nutriu pela Mãe de Cristo inscreveu-se em uma dimensão «maravilhosa», declinada, por exemplo, na visão em que aquela lhe ordena que entre na Companhia de Jesus. Todavia, Estanislau Kostka terá que ultrapassar a oposição da família. O fim dos estudos fortalecerá a sua vontade em ingressar na vida religiosa, conduzindo-o a solicitar a admissão diretamente a Roma, que é aprovada a 28 de outubro de 1567.

hagiografia

O modelo de santidade «corporizado» por Estanislau Kostka escora-se no rigor da vida ascética, em diversas penitências – que vão dos jejuns e abstinências constantes e do uso de cilícios às disciplinas de sangue e mortificações várias –, na prática da oração mental e no exercício das «virtudes heróicas», muito especialmente da castidade. Por outro lado, o comportamento moral de Estanislau Kostka, assim como a aplicação que dedicou ao estudo, no colégio da Companhia de Jesus, em Viena, contribuíram para que fosse considerado pelos coevos um «perfeito estudante», na linha do paradigma proposto pela *Ratio Studiorum* e por outras obras de cariz didático de autores jesuítas.

culto e canonização

Este jesuíta faleceu ainda muito jovem – não tinha ainda completado dezoito anos –, a 15 de agosto de 1568. Foi beatificado em 1605, por Paulo V, canonizado em 31 de dezembro de 1726, por Bento XIII, e proclamado *Patronus minus principalis* da Polónia em 1962, por João XXIII. A sua memória litúrgica celebra-se a 15 de agosto.

A *fama sanctitatis* de Estanislau Kostka justificaria a produção e a edição de várias «Vidas» que contribuíram, em grande medida, para amplificar e solidificar a devoção que se foi polarizando em seu torno: disso são exemplo o *Compendio della Vita del Beato Stanislao Kostka della Compagnia di Giesu* (Brescia, 1605) do padre Pedro de Ribadeneyra, a *Vita B. Stanislai Kostkae Poloni e Societate Iesu* (Ingolstadt, 1609) de Francesco Sacchini

(que seria traduzida em outras línguas) ou *Della vita e miracoli del b. Stanislao Kostka della Compagnia di Giesù* (Roma, 1670) de Daniello Bartoli, que conheceu várias edições.

fontes

A.H.T.C., Cartório da Junta da Inconfidência, Companhia de Jesus, Casa Professa de São Roque – Lisboa, maço 29, n.º 112, doc. 5.

A.N.T.T, Ministério das Finanças, Convento de Santa Maria de Mafra, Caixa 2237.

bibliografia

DITCHFIELD, Simon – “Tridentine Worship and the Cult of Saints”, in PO-CHIA HSIA, R. (coord.) *The Cambridge History of Christianity*, Nova Iorque: Cambridge University Press, 2007, pp. 201-224.

JETTER, Christina – *Die Jesuitenheiligen Stanislaus Kostka und Aloysius von Gonzaga: Patrone der studierenden Jugend*, Würzburg: Echter, 2009.

Memória do Descobrimento e Achado das Sagradas Relíquias do Antigo Santuário da Igreja de S. Roque, Lisboa: Imprensa Nacional, 1843.

SILVA, Nuno Vassalo e (coord.) – *Esplendor e Devoção. Os Relicários de S. Roque*, Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa / Museu de São Roque, 1998.

VALE, Teresa Leonor M. – *Ourivesaria Barroca Italiana em Portugal. Presença e Influência*, Lisboa: Scribe, 2016.

VALE, Teresa Leonor M. – “Relicários Ostensório de São Vicente Mártir, São João Francisco de Regis, São Estanislau Kostka e São Sebastião Mártir” in MORNA, Teresa Freitas (coord) – *Museu de São Roque, Catálogo*, 3.ª ed., Lisboa: Museu de São Roque / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2020, pp. 191-192.

Relíquia de um osso de São Estanislau Kostka

Relic of a Saint Stanislaus Kostka's bone

SCML.MSR.RLQ.1077.01

Relicário de São Estanislau Kostka

Reliquary of Saint Stanislaus Kostka

Portugal, século XVII

Madeira policromada e prata

60,6 × 47 × 18,4 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. RL 1077



Relíquia de um osso de São Estanislau Kostka

Relic of a Saint Stanislaus Kostka's bone

SCML.MSR.RLQ.0299.01

Relicário de São Estanislau Kostka

Reliquary of Saint Stanislaus Kostka

Antônio Gigli (c.1704-1761?), ativ. 1724-1756

Itália, Roma, 1727-1728

Madeira e prata

54,1 x 24,8 x 14,6 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. RL 299



São Estanislau Kostka

Saint Stanislaus Kostka

Portugal, século XVII

Madeira policromada

106 × 38 × 23,5 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. Esc. 83



São Estanislau Kostka
Saint Stanislaus Kostka

Itália, século XVII
Mármore branco de Carrara
76 x 30 x 23 cm
Lisboa, MAC/AAP, inv. Esc. 71
Proveniente do antigo Noviciado de Nossa Senhora da Assunção (Cotovia)



Aparição da Virgem a São Estanislau Kostka
Apparition of the Virgin Mary to Saint Stanislaus Kostka

Portugal, século XVIII
Faiança policromada
131 x 110 cm
Lisboa, MNAz/DGPC, inv. 9789
Proveniente do antigo Noviciado das Missões da Índia de São Francisco Xavier em Arroios (antigo Hospital de Arroios).



São Estanislau Kostka
Saint Stanislaus Kostka

Noel Laudin II (1657-1727)
França, Limoges, século XVII
Pintura sobre esmalte e bronze dourado
16,6 x 9,5 cm
Lisboa, MSR/SCML, inv. PIN 410
Proveniente da coleção de D. Manuel de Souza e Holstein Beck, conde da Póvoa



Peça do processo de canonização: os milagres de Estanislau

Part of the canonization process: the miracles of Stanislaus

Breve Relação de alguns dos muitos milagres que Nosso Senhor obrou por meio do Beato Estanislau Kostka da Companhia de Jesus, tirados dos processos que se fizeram no reino da Polónia, por mandado e remissórias da Sé Apostólica em ordem à sua canonização
Portugal, século XVII

Manuscrito sobre papel

30,7 x 21,5 cm

Lisboa, ANTT/DGLAB, Cartório dos Jesuítas, maço 80, doc. 8



Relação das festas da canonização, em Braga, no ano de 1727

Account of the celebrations of the canonization in Braga in the year 1727

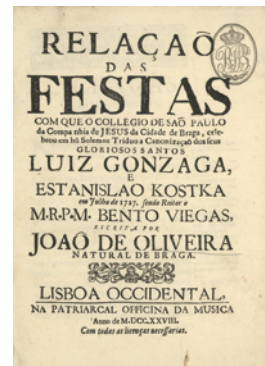
Relação das Festas com que o Collegio de Sam Paulo da Companhia de Jesus da Cidade de Braga, celebrou em hu Solemne Triduo a Canonização dos seus Gloriosos Santos Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka em Julho de 1727
João de Oliveira (1709-?)

Portugal, 1727

Impressão sobre papel

20,2 x 31,5 cm

Lisboa, BNP, inv. HG 1671 V



Estampa-retrato de São Estanislau Kostka
Print-portrait of Saint Stanislaus Kostka

Portugal, século XVIII

Gravura sobre papel

13,2 x 10,3 cm

Lisboa, BNP, álbum n.º 2 do Registo de Santos, n.º 651



Estampa com São Estanislau Kostka e os seus atributos
Print with St Stanislaus Kostka and his attributes

Portugal, século XVIII

Gravura sobre papel

7,3 × 5,9 cm

Lisboa, BNP, álbum n.º 2 do Registo de Santos, n.º 653



Santa Luzia

século IV

culto a partir do século VI

feira 13 de dezembro

atributo olhos num prato

Saint Lucy

4th century

cult from the 6th century

celebrate 13th December

attribute eyes on a plate

O seu martírio, os olhos arrancados entregues sobre uma bandeja, indicam o que protege.

Her martyrdom, the torn out eyes handed over a tray, indicate what she protects.

De grande devoção em Portugal, com muitas festividades, em todo território nacional.

Of great devotion in Portugal, with many festivities throughout the national territory.

Venerada pela fidelidade ao cristianismo ou pela importância que damos aos olhos e à visão?

Venerated for her fidelity to Christianity or for the importance we give to eyes and sight?



Santa Luzia

reliquia

A relíquia de Santa Luzia (RLQ.1172.01) encontra-se num busto em madeira prateada e policromada existente num nicho na capela de Nossa Senhora da Doutrina, entendendo-se que fosse propriedade da confraria com o mesmo nome e integrado na campanha artística geral da capela, datável de 1688-1690. Porém, talvez sejam um pouco posteriores, pois em 1690-1691, adquiriam-se ferragens “para se pendurarem os painéis dos santuários”, em 1695-1696 pagava-se o douramento da capela, e só em 1697-1698 se sagrou o altar, subentendendo-se que só nesta época se concluiu a campanha artística, sob direção de João Antunes. O livro de contas existente, contudo, é omissivo quanto à compra das relíquias, dos relicários, bem como ao pagamento da obra de talha, de embutidos marmóreos, das pinturas e das esculturas, o que leva a crer que existiria uma contabilidade organizada separada que se perdeu. Os jesuítas de São Roque possuíam outra relíquia de Santa Luzia encastoadada juntamente com muitas outras relíquias na já referida cruz em prata dourada oferecida por D. João de Borja.

O dia de Santa Luzia era celebrado na igreja de São Roque a 13 de dezembro, colocando-se a imagem da santa no meio do altar e a de Santa Catarina no altar do Desterro, ornamentando-se o altar-mor com castiçais de prata, velas acesas toda a manhã, ramalhetes, tapetes e frontal de terceira classe. Apesar de existirem estas duas relíquias no santuário de São Roque, não eram utilizadas na festa do dia da santa.

biografia, hagiografia

Segundo a tradição hagiográfica, Luzia era uma jovem de origem aristocrática, nascida em Siracusa. Foi prometida em casamento a um concidadão. A sua mãe, Eutíquia, era, frequentemente, acometida de problemas hemorrágicos. Movidas pela fé, Luzia e a mãe foram em peregrinação até Catânia, onde estava sepultado o corpo da mártir Santa Ágata, almejando, desta forma devocional, alcançar a cura daquela enfermidade. A jovem, depois de escutar o Evangelho, pregado por ocasião de uma missa, foi orar junto do túmulo de Santa Ágata. Durante este período, Luzia adormece e, num sonho, vê a mártir de Catânia, rodeada de anjos, que lhe diz que aquela, tal como ela, tinha a capacidade de operar, por sua intercessão, a cura da mãe. Quando a jovem desperta do sonho, constata que a mãe tinha sido curada e revela-lhe que tinha feito um voto de castidade.

Após regressar a Siracusa, Luzia decide renunciar ao matrimônio e seguir um modelo de vida despojado de riquezas terrenas. Neste sentido, vende os seus bens, repartindo os dividendos pelos pobres. O noivo, furioso, acusa-a de ser cristã perante o governador Pascásio, que decide enviá-la ao imperador Diocleciano, que, por sua vez, tentou persuadi-la a renegar a fé cristã. Constatando que não conseguia converter Luzia ao paganismo, Diocleciano

condenou-a à prostituição, num lupanar, mas ela acabou por ser salva em momentos «maravilhosos». Por conseguinte, ordena que a jovem seja assassinada a golpe de espada.

O mais antigo testemunho escrito que relata o martírio de Santa Luzia é um texto grego, do qual existe uma versão latina, escrito cerca de um século depois do suplício sofrido em Siracusa, no século IV. Jacopo de Voragine incluiu também, na sua *Legenda Aurea*, uma breve notícia biográfica de Santa Luzia, que seria retomada, nos séculos XVI e XVII, por autores como Alonso de Villegas e Pedro de Ribadeneira, nas suas coletâneas hagiográficas. A referência aos olhos, que ter-lhe-ão sido arrancados e colocados num prato, só surgirá em testemunhos literários e iconográficos, a partir do século XIV.

canonização e culto

O primeiro indicador que atesta a difusão do culto, celebrado, liturgicamente, a 13 de dezembro, extravasando o âmbito regional da Sicília, surge em Ravena, em finais do século V. A devoção polarizada em torno de Santa Luzia conhecerá um grande incremento graças ao papel ativo exercido pelo papa Gregório Magno.

fontes

A.N.T.T., Hospital de São José, Livro 1326.

B.N.P., Secção de Reservados, Cod. 207 e 7193.

S.C.M.L., Livro SCML/IG/GF/02/Lv 001.

Bibliografia

COUTINHO, Maria João Pereira – “Os embutidos de mármore no património artístico da Misericórdia de Lisboa” in OLIVEIRA, Maria Helena (coord.) – *Património Arquitectónico. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, vol. 1, Lisboa: Museu de São Roque / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2006, pp. 118-135.

FERREIRA, Sílvia, “Da Igreja de São Roque e de São Pedro de Alcântara. Três séculos de arte da talha” in OLIVEIRA, Maria Helena (coord.) – *Património Arquitectónico. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, vol. 1, Lisboa: Museu de São Roque / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2006, pp. 98-117.

LAPODIECI, Ottavio Garana – *Santa Lucia nella tradizione, nella storia, nell'arte*, Siracusa: Mascali, 1958.

SARDELLA, T. – “Lucia”, in LEONARDI, Claudio; RICCIARDI, Andrea; ZARRI, Gabriella (coord.) – *Il Grande Libro dei Santi. Dizionario Enciclopedico*, vol. 2, Cinisello Balsamo: San Paolo, 2002, pp. 1228-1231.

SOUSA, António Caetano de – *Agiologio Lusitano dos Santos, & Varoens ilustres em virtude do Reyno de Portugal, & suas conquistas. Tomo IV*, Lisboa: na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1744.

VINCENT-CASSY, Cécile – *Les Saintes Vierges et Martyres dans l'Espagne du XVII^e siècle. Culte et Image*. Madrid: Casa de Velásquez, 2011.

Relíquia de um osso de Santa Luzia

Relic of a Saint Lucy's bone

SCML.MSR.RLQ.1172.01

Relicário de Santa Luzia

Reliquary of Saint Lucy

Portugal, finais do século XVII

Madeira policromada

28 × 19,8 × 19,8 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. RL 1172



Santa Luzia

Saint Lucy

Portugal, finais do século XVIII

Terracota policromada

30,5 × 13,3 × 9 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. Esc. 160



Santa Luzia

Saint Lucy

Portugal, século XVIII

Madeira policromada

51 × 21 × 13 cm

Lousada, PSMN/DP, inv. PCI1.0006

Proveniente da capela de Nossa Senhora da Ajuda,
em Nevogilde



Santa Luzia
Saint Lucy

Portugal, século XVIII
Madeira policromada e dourada
69 × 33,5 × 37 cm
Lobelho do Mato, PSPLM/DV, inv. VMA.02.01.008
Proveniente da igreja de São Paulo de Lobelho do Mato, Viseu



Santa Luzia
Saint Lucy

Portugal, século XVII
Madeira policromada
63,5 × 34 × 25 cm
Evoramonte, PE/DE, Inv. ES.SP.1.008 esc



Ex-voto dedicado a Santa Luzia
Ex-voto dedicated to Saint Lucy

Portugal, século XVIII
Óleo sobre tela
22,7 × 33 cm
Lisboa, MNA/DGPC, inv. ETNO 2080



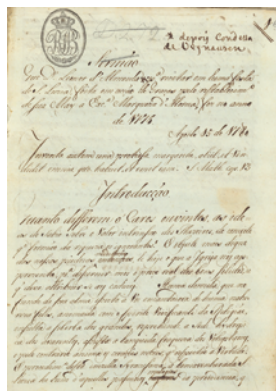
Ex-voto dedicado a Santa Luzia evocada pelo atributo
Ex-voto dedicated to Saint Lucy evoked by the attribute

Portugal, 1798
Óleo sobre madeira
19 x 19,5 cm
Lisboa, MNA/DGPC, inv. ETNO 2249



Sermão de acção de graças a Santa Luzia pelas
melhoras da Marquesa de Alorna
Sermon of thanksgiving to Saint Lucy for the recovery of
the Marchioness of Alorna

Portugal, Lisboa, 1774
Leonor de Almeida Portugal (1750-1839)
Sermão de acção de graças pelo restabelecimento da
Marquesa de Alorna, para ser recitado numa festa de
Santa Luzia
Manuscrito sobre papel
23 x 34,5 cm
Lisboa, BNP, COD. 3188



Sinal do exposto João Permeceno com meia estampa
de Santa Luzia
Foundling token of João de Permeceno with half-print
of Saint Lucy

Portugal, século XIX
Gravura sobre papel
30 x 22,5 cm
Lisboa, AH/SCML, Sinais de Expostos, n.º 1381 de 1826



Sinal do exposto Lino José Dias com uma imagem de Santa Luzia na fita

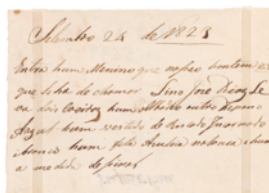
Foundling token of Lino José Dias with an image of Saint Lucy on the ribbon

Portugal, século XIX

Tecido

44,5 x 60 cm

Lisboa, AH/SCML, Sinais de Expostos. n.º 1360 de 1823



Os olhos, atributo de Santa Luzia, em forma de ex-voto
The eyes, an attribute of Saint Lucy, in the form of an ex-voto

Portugal, séculos XIX-XXI

Prata

Largura máxima: 20 cm

Porto, SCP/DP

Proveniente da Sé Catedral do Porto



Bolachas de Santa Luzia

Cookies from Santa Lucy

Portugal, Elvas, 2023

Farinha de trigo, açúcar amarelo, banha de porco tratada e canela.

À venda, em Elvas, na Pastelaria Paloma, para a festa do dia de Santa Luzia e por encomenda.



Chá de Erva de Santa Luzia, para “tratamento de asma, bronquite, enfisema, tosse nervosa, catarro, febre do feno e disenteria amébrica” ou para, “banhos de descarrego, limpeza espiritual e obrigações de cabeça”;
Saint Lucy’s herbal tea for “the treatment of asthma, bronchitis, emphysema, nervous cough, catarrh, hay fever and amoebic dysentery” or for, “unloading baths, spiritual cleansing and head obligations”:



Portugal, 2023
Folhas secas de *Commelina erecta*
À venda on-line.

Outras Proteções: Santa Luzia
Other Protections: Saint Lucy

Carlos Brandão Lucas (1943-)
Portugal, 1990
Arquivo Memória Média
<https://www.memoriamedia.net/index.php/156-celebracoes/viagem-ao-maravilhoso/3140-outras-proteccoes>

Procissão de Santa Luzia. Cidade de Penafiel 2022
Procession of Santa Luzia. City of Penafiel 2022

Tiago Daniel
Portugal, Penafiel, 2022
<https://www.youtube.com/watch?v=4fCg37DUkt4>

A Alma e a Gente IV #37 – Senhora Santa Luzia (Fundão)
The Soul and the People IV #37 – Senhora Santa Luzia (Fundão)

José Hermano Saraiva (1919-2012)
Videofono – Imagem, Som e Edição, Lda
Portugal, 2006
<https://www.youtube.com/watch?v=nySSIL-mJSM>

As bolachas de Santa Luzia numa pastelaria
Saint Lucy’s biscuits in a pastry shop

Pastelaria Paloma
Portugal, Elvas, 2023
Vídeo amador

Santa Rita de Cássia

(1381-1457)

canonizada em 1900

feira 22 de maio

atributo **crucifixo e flores**

Saint Rita of Cascia

(1381-1457)

canonised in 1900

celebrate 22nd May

attribute crucifix and flowers

Santa dos impossíveis por causa das histórias associadas aos seus milagres.

Saint of the impossible due to the stories associated with her miracles.

De grande devoção popular, a santa da rosa, os pedidos concedidos são retribuídos por flores.

Of great popular devotion, the saint of the rose, the requests granted are rewarded by flowers.

Santa ligada ao feminino, ao sofrimento das mulheres, ou de todos os géneros?

Saint linked to the feminine, to the suffering of women, or of all genders?



Santa Rita de Cássia

reliquia

A relíquia de Santa Rita de Cássia (RLQ.0005.01) consiste num pedaço circular de tecido manchado com sangue, coberto apenas por um vidro. É possível que tivesse estado num relicário em material precioso que se perdeu. A inscrição refere a santa apenas como beata pelo que é datável de entre a beatificação (1627) e a canonização (1900). A relíquia estava numa caixa de cartão apenas inventariada em 2014 onde se reuniram diversas relíquias, umas provenientes do interior do cofre relicário *namban* (RL 272) para o colocar em exposição; e outras, do século XIX e XX, que terão sido oferecidas ao Museu de São Roque, entre as quais umas de um “Legado de Macau”, embora não tenha sido ainda localizada documentação que contextualize esta doação. Existia na igreja de São Roque uma confraria de Santa Rita extinta em 1775, e cujo património reverteu para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, mas não é seguro que esta relíquia fosse do espólio dessa confraria. Em 1843, foi inventariado com o n.º 57 na capela dos Santos Mártires um relicário «arrendado, de quasi um palmo de altura, contendo uma relíquia de Santa Rita e mais seis relíquias sem nome» que bem poderá ser referente a esta relíquia.

biografia

A reconstrução da figura de Santa Rita revela-se não isenta de dificuldades e complexidades, relacionadas, sobretudo, com as dúvidas e incertezas que, ainda hoje, pairam sobre o período cronológico em que viveu e as circunstâncias que enquadram o seu ingresso na ordem de Santo Agostinho.

Os pais de Rita, Antonio e Amata Lotti, eram já de idade avançada quando aquela nasceu. Além deste aspeto, desde há muito institucionalizado pelo género hagiográfico, a biografia de Rita – nascida Margherita Lotti – comporta outros *topoi* comuns nesta tipologia literária, como as circunstâncias «maravilhosas» em que se inscreve o seu nascimento e que a colocam sob a aura da predestinação divina. Rita nasceu nos arrabaldes de Cássia, na província de Perúsia, na Úmbria. Durante a infância, ocorrem episódios «maravilhosos» que apontam para a excecionalidade de Rita: disso é exemplo o caso das abelhas brancas que entravam na boca de menina e lá depunham o seu mel, sem a picar.

Rita casa com Paolo Mancini e, deste matrimónio, nascem os gémeos Giangiacomo e Paolo Maria. Alguns anos mais tarde, o marido é assassinado e esta circunstância despoletará um desejo de vingança por parte dos filhos. Giangiacomo e Paolo Maria serão também instigados pelo avô paterno a isso fazerem. Rita, alarmada, enviou-os para um convento, mas, como este espaço servia como asilo para leprosos, os rapazes acabaram por ser vitimados por aquela doença.

A condição de Rita – viúva e sem filhos – contribuirá para acentuar o seu desejo de ingressar no mosteiro de religiosas agostinianas de Cássia. Contudo, o seu propósito, em um primeiro momento, sairá gorado, pois aquela casa religiosa apenas permitia a entrada de donzelas. No entanto, numa noite, Rita recebe a visita de Santo Agostinho, São Nicolau e São João Batista, que lhe pedem para os seguir. Após caminharem pelas ruas, os santos desaparecem e Rita é acometida por um êxtase. Quando voltou a si, deu conta de que estava dentro do mosteiro, cujas portas estavam trancadas. Desta forma, as religiosas não puderam impedir a sua entrada. Ao longo dos cerca de quarenta anos que ali viveu, Rita destacou-se pelo exercício das virtudes e pelas suas práticas espirituais e devotas, muito especialmente a forte devoção à Paixão de Cristo, que de resto, está relacionada com o estigma que tinha na testa.

hagiografia

Impressa em Siena, em 1610, a primeira biografia, intitulada *Vita della Beata Rita da Cassia dell'ordine di S. Agostino*, foi escrita por Fr. Agostino Cavallucci di Foligno, tendo como propósito fornecer um instrumento que pudesse servir de suporte ao processo de beatificação, que será aberto em 1626. Esta biografia servirá de base a todas as outras que se lhe seguiram. Em Portugal, além de várias novenas, foram editadas as seguintes «Vidas»: *A Advogada dos impossíveis: a Bemaventurada Rita de Cassia, donzela, cazada, viuva, religiosa e defunta, freira professa no Convento de Santa Maria Magdalena de Cassia da Ordem eremítica de Santo Agostinho* (Lisboa, 1710 e 1726) de Fr. Francisco de Brito (E.S.A.); *Vitorias dos impossíveis conseguidas em tres campanhas de vida, morte e bemaventurança da beata Rita de Cassia, viuva religiosa da Ordem dos eremitas do nosso grande Padre Santo Agostinho* (Lisboa, por Antonio Pedrozo Galvão, 1718) de Fr. José de Santo António (E.S.A.); e o *Epitome da vida e prodigios de Santa Rita de Cassia, viuva religiosa da ordem dos eremitas de Santo Agostinho* (Lisboa, por Jozé Antonio da Silva, 1737) de Fr. Manuel de Figueiredo (E.S.A.)

culto e canonização

Rita morre a 22 de maio de 1457, tendo sido beatificada em 1628, pelo papa Urbano VIII. Todavia, o processo com vista à sua canonização revelou-se extremamente moroso, na medida em que só conheceu o desfecho esperado em 1900.

Santa Rita «corporiza» o modelo da viúva que abraça a vida religiosa, na linha dos paradigmas propostos por São Jerónimo, sobretudo através das suas cartas a Santa Paula de Roma. Os exemplos de «santas viúvas» não eram muitos, pois os modelos de santidade

feminina mais valorizados e propostos à imitação foram, sobretudo, o das virgens, sobretudo mártires, e o das religiosas. Outros casos que se aproximam do de Santa Rita são o de Santa Francisca Romana (†1440), canonizada em 1608, e o de Santa Joana Francisca Fremyot de Chantal († 1572), fundadora, juntamente com São Francisco de Sales, da Ordem da Visitação, que foi beatificada em 1751 e canonizada em 1767.

fontes

A.N.T.T., *Ministério do Reino*, Livro 376

bibliografia

GIACALONE, Fiorella – *Il corpo e la roccia. Storia e simboli nel culto di Santa Rita*, Roma: Meltemi Editore, 1996.

Memória do Descobrimento e Achado das Sagradas Relíquias do Antigo Santuário da Igreja de S. Roque, Lisboa: Imprensa Nacional, 1843.

PIATTI, P. – “La memoria di Rita da Cascia (†1447) nel Novecento, Quellenforschung e storiografia”, in CRESTI, S.; GAGLIARDI, I. (coord.) – *Leggerezze sostenibili. Saggi d’afetto e di medioevo per Anna Benvenuti*, Florença: Società Editrice Fiorentina, 2017, pp. 75-98.

SCARAFFIA, Lucetta – *La santa degli impossibili. Vicende e significati della devozione a Santa Rita*, Turim: Rosenberg & Sellier, 1990.

SILVA, André Duarte Martins – *Inventário dos Objectos existentes na “Caixa das Relíquias” guardada na Igreja de São Roque, no corredor dos janelões este, entre o primeiro e segundo janelão a contar do lado norte*, policopiado apresentado ao Museu de São Roque, 16 de julho de 2014.

Relíquia do sangue de Santa Rita de Cássia

Relic of Saint Rita of Cascia's blood

SCML.MSR.RLQ.0005.01

Relicário de Santa Rita de Cássia

Reliquary of Saint Rita of Cascia

Portugal (?), século XVIII (?)

Tecido, vidro, metal

Ø 5,1 cm

Lisboa, MSR/SCML, inv. RL 5



Santa Rita de Cassia

Saint Rita of Cascia

Portugal (?), meados do século XVIII

Marfim e ébano

34,5 × 25 × 11 cm

Lisboa, PNA/DGPC, inv. 3071

Proveniente das coleções reais portuguesas



Santa Rita de Cássia

Saint Rita of Cascia

Portugal, século XX

Gesso pintado

62 × 20 × 14 cm

Fundão, Alpedrinha, SCMALP, inv. 3



Santa Rita de Cássia
Saint Rita of Cascia

Portugal, século XVIII
Madeira policromada
35,5 × 16 × 15,5 cm
Arraiolos, Santana do Campo, PA/DE, inv. AR.SA.1.002 esc
Proveniente da igreja de Santa Ana do Campo, Arraiolos



Santa Rita de Cássia
Saint Rita of Cascia

Portugal, século XVIII
Marfim
21 × 6,8 × 4,9 cm
Coleção particular



Ex-voto dedicado a Santa Rita de Cássia
Ex-voto dedicated to Saint Rita of Cascia

Portugal, 1789
Óleo sobre madeira
33 × 45 cm
Caminha, SCMCA, inv. 162



Ex-voto dedicado a Santa Rita de Cássia
Ex-voto dedicated to Saint Rita of Cascia

Portugal, finais do século XIX
Óleo sobre metal
23,5 × 40 cm
Arraiolos, Santana do Campo, PA/DE, inv. AR.SA.1.010 odv
Proveniente da igreja de Santa Ana do Campo, Arraiolos



Santa Rita de Cássia por Domingos Lima
Saint Rita of Cascia by Domingos Lima

Portugal, Barcelos, século XX
Domingos Gonçalves Lima (1921-1995)
Barro policromado
13,8 × 5,8 cm
Lisboa, MNE/DGPC, inv. BJ.063/12



Véu de cálice com impressão das teses defendidas na Universidade de Coimbra por D. Cristóvão de Almeida Soares dedicadas a Santa Rita de Cássia
Chalice veil with print of the theses defended at the University of Coimbra by D. Cristóvão de Almeida Soares dedicated to Saint Rita of Cascia

Portugal, 1751
Fio de seda verde, cetim
com texto estampado a preto
64 × 58 cm
Guimarães, MAS/DRCN, inv. MAS T 35



Livros dos assentos da Irmandade de Santa Rita de Cássia do convento de Nossa Senhora da Boa Hora dos Agostinhos Descalços de Setúbal
Book of Records of the Sisterhood of Saint Rita of Cascia of the Convento de Nossa Senhora da Boa Hora (Convent of Our Lady of Good Event) of the Discalced Augustinians of Setúbal

Portugal, Lisboa, 1768
Caetano Ferreira da Costa (impressor), (ativ. 1761-1775)
Impressão sobre papel
29 × 20 × 4,5 cm
Lisboa, ANTT/DGLAB, Manuscritos da Livraria, n.º 598.



A Coroa de Rosas de Santa Rita de Cassia: Vida e Orações
The Crown of Roses of Saint Rita of Cascia: Life and Prayers

Portugal, Porto, 1943
Tipografia Leitão
20,7 × 15,5 cm
Lisboa, BNP, inv. R. 30407 P



Novena a Santa Rita de Cassia
Novena to Saint Rita of Cascia

Portugal, Lisboa, 2019
António Lúcio de Silva Lima
Editora Paulus
Portugal, Lisboa, 2019
Impressão sobre papel
13,2 × 8,9 cm
Lisboa, BNP, inv. R. 45347 P



***Sinal de exposto de Manuel João Isidoro
com gravura de Santa Rita de Cássia
Foundling token of Manuel João Isidoro with engraving
of Saint Rita of Cascia***

Portugal, século XVIII
Gravura sobre papel
30 × 22,5 cm
Lisboa, AH/SCML, Sinais de Expostos, n.º 198 de 1790



***Sinal de exposto de José Nicolau com gravura
de Santa Rita de Cássia
Foundling token of José Nicolau with engraving
of Saint Rita of Cascia***

Portugal, século XVIII
Gravura sobre papel
30 × 45 cm
Lisboa, AH/SCML, Sinais de Expostos, n.º 796 de 1792



***Sinal de exposto de António José de Almeida
com meia estampa de Santa Rita de Cássia
Foundling token of António José de Almeida
with a half-print of Saint Rita of Cascia***

Portugal, século XIX
Gravura sobre papel
30 × 22,5 cm
Lisboa, AH/SCML, Sinais de Expostos, n.º 1418 de 1820



Festas em honra a Santa Rita de Cassia
Feast in honour of Saint Rita of Cascia

Alto Minho TV Portugal, Caminha, 2023
<https://www.youtube.com/watch?v=j8soZyVhFn4>

Festas em honra de Santa Rita de Cassia
Feast in honour of Saint Rita of Cascia

Porto Canal Altominho
Portugal, Caminha, 2010
<https://www.youtube.com/watch?v=v50YvfrjwSI>

FICHA TÉCNICA / CREDITS

CATÁLOGO / CATALOG

Coordenação Geral / General Coordination

Maria Margarida Montenegro

Coordenação Executiva / Executive Coordination

Teresa de Freitas Morna

Coordenação do projeto *reliquiarum* /

Coordination of *reliquiarum* project

António Camões Gouveia (NOVA FCSH)

Coordenação Científica: equipa do *reliquiarum* /

Scientific Coordination: *reliquiarum* team

António Camões Gouveia

Carlota Cyrne Manoel

Gonçalo de Carvalho Amaro

João Miguel Simões

Maria Eduarda Napoleão

Maria do Carmo Lino

Maria João Pacheco Ferreira

Miguel Lourenço

Teresa de Freitas Morna

Autoria dos Textos / Texts

Gonçalo de Carvalho Amaro (SCML, NOVA/IHC)
sínteses

João Miguel Simões (SCML, UL/ARTIS) relíquias

Paula Almeida Mendes (UP/CITCEM) biografia,
hagiografia, canonização e culto

INCLUSIO

IPL/ESELx

Bianor Valente

Clarisse Nunes

Katia Sá

Mário Relvas

Tiago Almeida

SCML

António Camões Gouveia (NOVA FCSH / MSR/DIC)
reliquiarum

Catarina França (Ilustradora, colaboradora
convidada) Centro Editorial/DIC/SCML

Patrícia Lamas (SPDC/DIC/SCML)

CERCI LISBOA Cooperativa de Educação

Reabilitação para a Capacitação e Inclusão, Cri

António Gonçalves – Terapeuta Ocupacional

Deolinda Sargento – Monitora de sala do Centro de
Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI)

Maria Helena Gaspar – Diretora Técnica

Maria João Lima – Monitora de sala do Centro de
Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI)

Mónica Santos – Psicóloga

Instituto da Imaculada para Pessoas com

Necessidades Especiais

Joana Conceição – Terapeuta Ocupacional

Mariana Penísga – Terapeuta Ocupacional

Natália Tenreiro – Monitora e Responsável de sala
do Centro de Atividades e Capacitação para a
Inclusão (CACI)

Pedro Rodrigues – Diretor e Psicólogo

Sandra Pinto – Monitora e Responsável de sala
do Centro de Atividades e Capacitação para a
Inclusão (CACI)

Registo e Edição

João Loy (Actor) Associação Coisa Feita

Pedro Santos (Fotografia e Som) IPL/ESELx

Grafias / Handwritings

Claúdia Duarte (ITAU)

Elisabete Moreno (SCML/Direção da Cultura)

Gisele Semedo (STRONG CHARON)

Gonçalo Arruda (SCML/Departamento de Gestão
Imobiliária e Património)

João Cavadinhas (SCML/Direção de Comunicação
e Marcas)

Lurdes Santos (SCML/Direção da Cultura)

Nelson Antão (SCML/Direção da Cultura)

Nelson Inácio (SCML/Direção de Sistemas
e Tecnologias de Informação)

Pedro Delgado (SCML/Direção de Compras)

Rita Pereira (SCML/Direção da Cultura)

Cartografia / Cartography

Francisco Madeiras (IGOT – UL/IST/FAUL)

Secretariado / Administrative Support

Elisabete Moreno

Fátima Rodrigues

Tradução / Translation

Multilingual Europe

Design Gráfico / Design and Layout

Luis Chimenno Garrido

Tratamento de Imagem / Image processing

José Domingues

Fotografia / Photo Credits

ADF/DGPC – José Paulo Ruas, José Pessoa,
Luísa Oliveira

AML/CML – José Artur Leitão Bárcia,
Joshua Benoliel, Paulo Guedes

ANTT

JFM

MAS/DRCN

MNAz/DGPC – António José Cruz

MNE/DGPC – Ana Varandas, António Rento

MNTD/DGPC

MSR/SCML – José Vicente, Júlio Marques, Paulo
Cintra & Laura Castro Caldas

MTM/DRCN – Luís Almeida

NAM/SCML – João Carlos Oliveira, João David
Martins

PNA/DGPC – Alexandra Dias Coelho
SCMCR

ISBN

978-989-9151-75-8

Abreviaturas utilizadas / Abbreviations used

ADF/DGPC – Arquivo de Documentação Fotográfica /
Direção-Geral do Património Cultural

AH/SCML – Arquivo Histórico / Santa Casa da
Misericórdia de Lisboa

AML/CML – Arquivo Municipal de Lisboa /Câmara
Municipal de Lisboa

ANTT/DGLAB – Arquivo Nacional da Torre do Tombo /
Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

BPE – Biblioteca Pública de Évora

JFM – Junta de Freguesia de Monchique

MAC/AAP – Museu Arqueológico do Carmo /
Associação dos Arqueólogos Portugueses

MAS/DRCN – Museu Alberto Sampaio / Direção
Regional de Cultura do Norte

MC/DRCC – Museu da Cerâmica / Direção Regional de
Cultura do Centro

MDJM/DGPC – Museu Doutor Joaquim Manso / Direção
Geral do Património Cultural

ML-SA/CML – Museu de Lisboa – Santo António /
Câmara Municipal de Lisboa

MNA/DGPC – Museu Nacional de Arqueologia / Direção
Geral do Património Cultural

MNAz/DGPC – Museu Nacional do Azulejo / Direção
Geral do Património Cultural

MNE/DGPC – Museu Nacional de Etnologia / Direção
Geral do Património Cultural

MNTD/ DGPC – Museu Nacional do Teatro e da Dança/
Direção Geral do Património Cultural

MSR/SCML – Museu de São Roque / Santa Casa da
Misericórdia de Lisboa

MTM/DRCN – Museu da Terra de Miranda / Direção
Regional de Cultura do Norte

NAM/SCML – Núcleo de Audiovisuais e Multimédia /
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

PA/DE – Paróquia de Arraiolos / Diocese de Évora

PC/DE – Paróquia de Cabrela (Montemor-o-Novo) /
Diocese de Évora

PE/DE – Paróquia de Evoramonte / Diocese de Évora

PM/DE – Paróquias de Mourão / Diocese de Évora

PPCJ – Província Portuguesa da Companhia de Jesus

PSEO/DP – Paróquia de Santa Eulália da Ordem/
Diocese do Porto

PSMN/DP – Paróquia de São Miguel de Nevogilde /
Diocese do Porto

PSPLM/DV – Paróquia de São Paulo de Lobelho do
Mato / Diocese de Viseu

PNA/DGPC – Palácio Nacional da Ajuda / Direção Geral
do Património Cultural

SCMAB – Santa Casa da Misericórdia de Abrantes

SCMALP – Santa Casa da Misericórdia de Alpedrinha

SCMCA – Santa Casa da Misericórdia de Caminha

SCMCR – Santa Casa da Misericórdia do Crato

SCMEL – Santa Casa da Misericórdia de Elvas

SCMFAO – Santa Casa da Misericórdia de Fão

SCMPS – Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor

SCP/DP – Sé Catedral do Porto / Diocese do Porto

EXPOSIÇÃO / EXHIBITION

Coordenação Geral / General Coordination

Maria Margarida Montenegro

Coordenação Executiva / Executive Coordination

Teresa de Freitas Morna

Coordenação do projeto *reliquiarum* /

Coordination of *reliquiarum* project

António Camões Gouveia NOVA FCSH

Coordenação Científica: equipa do *reliquiarum* /

Scientific Coordination: *reliquiarum* team

António Camões Gouveia

Carlota Cyrne Manoel

Gonçalo de Carvalho Amaro

João Miguel Simões

Maria Eduarda Napoleão

Maria do Carmo Lino

Maria João Pacheco Ferreira

Miguel Lourenço

Teresa de Freitas Morna

Autoria dos Textos / Texts

Gonçalo de Carvalho Amaro (SCML, NOVA/IHC)
sínteses

João Miguel Simões (SCML, UL/ARTIS) relíquias

Paula Almeida Mendes (UP/CITCEM) biografia,
hagiografia, canonização e culto

Museografia / Museography

Carlos Pietra Torres

Gonçalo Arruda

Entidades prestadoras / Lending institutions

Arquivo Nacional da Torre do Tombo / Direção Geral
do Livro, Arquivos e Bibliotecas

Biblioteca Nacional de Portugal

Biblioteca Pública de Évora

Brotéria / Província Portuguesa da Companhia
de Jesus

Igreja de Santa Cristina de Azeira, Mafra

Junta de Freguesia de Monchique

Museu Alberto Sampaio / Direção Regional de
Cultura do Norte

Museu Arqueológico do Carmo / Associação dos
Arqueólogos Portugueses

Museu da Cerâmica / Direção Regional de Cultura
do Centro

Museu Doutor Joaquim Manso / Direção Geral do
Património Cultural

Museu de Lisboa – Santo António / Câmara
Municipal de Lisboa

Museu Nacional de Arqueologia / Direção Geral
do Património Cultural

Museu Nacional do Azulejo / Direção Geral
do Património Cultural

Museu Nacional de Etnologia / Direção Geral
do Património Cultural

Museu da Terra de Miranda / Direção Regional
de Cultura do Norte

Palácio Nacional da Ajuda / Direção Geral
do Património Cultural

Paróquia de Arraiolos / Diocese de Évora

Paróquia de Cabrela (Montemor-o-Novo) / Diocese
de Évora

Paróquia de Evoramonte / Diocese de Évora

Paróquia de Santa Eulália da Ordem/ Diocese
do Porto

Paróquia de São Paulo de Lobelho do Mato /
Diocese de Viseu

Santa Casa da Misericórdia de Abrantes

Santa Casa da Misericórdia de Alpedrinha

Santa Casa da Misericórdia de Caminha

Santa Casa da Misericórdia do Crato

Santa Casa da Misericórdia de Elvas

Santa Casa da Misericórdia de Fão

Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor

Sé Catedral do Porto / Diocese do Porto

Painel de fotografia

Jorge Barros

Conservação e Restauro /

Conservation and Restauration

Belmira Maduro

Carolina d'Orey Capucho

Joana Cebrien Leite

Sílvia Linhares de Freitas Pereira

Mediação de Cultura / Cultural Mediation

Helena Mantas (direção)

André Martins da Silva (comunicação)

Dora Castelo (mediação)

Estela Vargas (comunicação)

Helena Matias (secretariado)

Isabel Guedes (mediação)

Luís Nobre (mediação)

Pedro Rocha (mediação)

Ricardo Máximo (mediação)

Edição de vídeos / Video edition

Gonçalo de Carvalho Amaro
Nelson Inácio

Grafias / Handwritings

Claúdia Duarte (ITAU)
Elisabete Moreno (SCML/Direção da Cultura)
Gisele Semedo (STRONG CHARON)
Gonçalo Arruda (SCML/Departamento de Gestão Imobiliária e Património)
João Cavadinhas (SCML/Direção de Comunicação e Marcas)
Lurdes Santos (SCML/Direção da Cultura)
Nelson Antão (SCML/Direção da Cultura)
Nelson Inácio (SCML/Direção de Sistemas e Tecnologias de Informação)
Pedro Delgado (SCML/Direção de Compras)
Rita Pereira (SCML/Direção da Cultura)

Cartografia / Cartography

Francisco Madeiras (IGOT – UL/IST/FAUL)

Luminotecnia / Lighting

Vítor Vajão

Produção Gráfica / Graphic Production

Logotexto, Lda.

Construção / Construction

J.C. Sampaio, Lda.

Montagem / Assembly

Equipa do Museu de São Roque

Seguros / Insurance

Tranquilidade

Transporte e Logística / Transport and Logistic

Feirexpo – Logística de Transportes para Feiras e Exposições, S.A.

INCLUSIO**IPL/ESELx**

Bianor Valente
Clarisse Nunes
Katia Sá
Mário Relvas
Tiago Almeida

SCML

António Camões Gouveia NOVA FCSH / MSR/DIC *reliquiarum*
Catarina França (Ilustradora, colaboradora convidada) Centro Editorial/DIC/SCML
Patrícia Lamas SPDC/DIC/SCML

CERCI LISBOA Cooperativa de Educação**Reabilitação para a Capacitação e Inclusão, Crl**

António Gonçalves – Terapeuta Ocupacional
Deolinda Sargento – Monitora de sala do Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI)
Maria Helena Gaspar – Diretora Técnica
Maria João Lima – Monitora de sala do Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI)
Mónica Santos – Psicóloga

Instituto da Imaculada para Pessoas com Necessidades Especiais

Joana Conceição – Terapeuta Ocupacional
Mariana Penísga – Terapeuta Ocupacional
Natália Tenreiro – Monitora e Responsável de sala do Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI)
Pedro Rodrigues – Diretor e Psicólogo
Sandra Pinto – Monitora e Responsável de sala do Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI)

Registo e Edição

João Loy (Actor) Associação Coisa Feita
Pedro Santos (Fotografia e Som) IPL/ESELx

reli
quia
rum

3

